

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Linguagem e Iudicidade



ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00039



Prefeitura do Rio

**Este investimento
vale ouro para
a Cidade.**

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do núcleo de publicações e impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia de Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de comunicação e ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/Multirio) • **Leny Dadrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/Multirio) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/Multirio) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-Multirio) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/Multirio) • **Cristina Salvador Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Leticia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/Multirio) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃOGerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (edição de texto) • **Fábio Aranha**, **Carolina Bessa** e **Hugo Rangel de Castro e Souza** (reportagem) • **César Garcia** (revisão)Gerência de Artes Gráficas: **Flávio Carvalho** (Gerência e Direção de Arte), **Cláudio Gil** (Coordenação e Direção de Arte), **Adriana Simeone**, **Aline Carneiro** e **Gustavo Cadar** (Diagramação), **Vivian Ribeiro** (Produção Gráfica)**Alberto Jacob Filho** (Fotografia)Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**Tiragem **36.500** exemplares

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





DESENHO DA ALUNA FERNANDA CRISTINA CAETANO – E.M. NORBERTINA DE SOUZA

Capa

Foto de Alberto Jacob Filho • Produção: Gerência de Artes Gráficas da MULTIRIO

Crianças da Escola Municipal Floriano Peixoto: Beatriz Florentino da Silva Baptista de Souza,

Guilherme Araújo Sousa, Jessica Moura da Silva, Juliana Rodrigues, Mariana Santos Reis e Thalys de Costa Souza

Agradecimentos à professora Maria Conceição Costa Falcão

NÓS DA ESCOLA

ANO 3 Nº 39/2006

4 editorial

5 cartas

6 zoom

Com qual personagem você mais se identificou na infância?

8 ponto e contraponto

Brincar e aprender o mundo

12 século XX1

Informática sem complicação

13 carioca

Ode ao 'maestro soberano'

15 pan 2007

Lazer ao alcance de todos

17 rede fala

Roda de escuta

19 olho mágico

Portas abertas ao cidadão

20 professor on line

A opinião dos professores

22 caleidoscópio

Um olhar transformador

26 capa

O que é, o que é: quanto mais com ela se brinca, mais nova fica?

32 artigo

A imagem da arte literária processada pelo xadrez

34 atualidade

Glossário para a hora do voto

35 presente do futuro

Atentado contra a inocência

38 pé na estrada

A imagem como recurso didático
Um prato recheado de saúde
Vozes feitas com dedicação

44 foi assim

Eternos espelhos de água

46 perfil

Anjo disfarçado de homem

48 agenda

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

editorial

Ludicidade e linguagem

Nesta NÓS DA ESCOLA continuamos a tratar do tema ludicidade, agora relacionando-o à linguagem. A matéria de capa aborda as diversas brincadeiras que crianças e adultos elaboram a partir da linguagem – desde os repentes, parlendas, cordéis e outros até as formas literárias e poéticas mais elaboradas.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Com essa abordagem você poderá descobrir relações inusitadas entre a literatura e o jogo de xadrez, os benefícios da integração entre ambos na formação de crianças e adolescentes, e as possibilidades lúdicas da palavra e da literatura no estímulo à formação dos pequenos leitores.

Além disso, você conhecerá o curso Branché, veiculado pela MULTIRIO, uma importante ferramenta para o ensino de francês na rede pública municipal, e muitos outros assuntos e experiências interessantes dirigidas a alunos e professores das escolas públicas municipais.

Não deixe de ler.

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

PREFEITURA EDUCAÇÃO MULTIRIO 10 ANOS

Nova campanha de leitura
Em 18 de abril, data do aniversário de Mariano Latorre e Dia Nacional de Livro Infância e Juventude, a MULTIRIO realizou sua campanha de TV para incentivar a leitura das crianças.
A primeira etapa incluiu, que será veiculada na Rede Fala, o programa **Meu livro**, que tem a participação do telespectador: começa com a leitura de um livro escolhido e termina com a apresentação do livro. O livro escolhido é o livro **Os Meninos do Brasil**, de Monteiro Lobato, publicado pela Companhia das Letras.

Concurso
A edição 2006 do concurso de textos escolares **Três de Maio** da TV de São Paulo, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, teve como tema **Três de Maio: um dia de história**. O concurso é aberto para todos os alunos da rede pública municipal.

Copa do Mundo
A MULTIRIO já está no clima da Copa do Mundo, que começa em 9 de junho. O Portal tem um mapa interativo com informações sobre as 32 games que estão no dia a dia. Disponíveis também uma matéria de revista **Meio de Escala** e respeito da Alemanha, país que está se preparando o maior evento do futebol.

Como movimento cultural
O Portal, do programa **Debate 2011**, foi elaborado com uma série de matérias e vídeos, do programa **Debate 2011**, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Escola em debate
A série especial **Temas em Debate** do programa **Meio de Escala** está de volta à partir da primeira quarta-feira, dia 22. Na reunião, os professores da Rede Fala de Ensino da Rede de Ensino debatem sobre um tema escolhido segundo o eixo de Políticas Educacionais e Núcleos Conciliados. Essa é a primeira de seis semanas produzidas pela MULTIRIO dedicadas à avaliação do Núcleo Conciliado: **Brasil Multicultural**. Nos próximos meses serão os temas **Língua e Cultura**, **Ética Infância**, **Primeiro Ciclo de Formação**, **Gênero**, **Linguagem e Mídia** e **Educação**, sendo ainda a série **O Meio de Escala** e o **Debate 2011**, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, no Canal 14 de São Paulo, dia 19h.

MULTIRIO no Prix Jeunesse
O desenho animado **O Boto**, da MULTIRIO, está entre os finalistas da edição 2006 **Prix Jeunesse International**, um dos mais importantes prêmios de TV de São Paulo para crianças. O Festival será realizado em Montigny, na Alemanha, dia 8 e 9 de O Boto compete na categoria **ação para 7 e 11 anos**. Já **Meio de Escala**, também da série **J**, está entre os finalistas, mesmo porque não competiu. No ano passado, o concurso e segundo lugar na categoria **ação para 7 e 8 anos** no sentido **Humor**, **aventura** e **política**, no Chile. Os dois filmes foram produzidos com a colaboração de Escola Municipal George Bonner, no Pechuete, Zona Norte do Rio.

Análises sobre a guerra
A série **Temas em Debate**, do programa **Meio de Escala**, está de volta à programação da Rede Fala de Ensino. A série **Temas em Debate**, do programa **Meio de Escala**, está de volta à programação da Rede Fala de Ensino. A série **Temas em Debate**, do programa **Meio de Escala**, está de volta à programação da Rede Fala de Ensino.

Revista nova
A próxima edição da revista **Meio de Escala** começa a ser distribuída para as escolas da Prefeitura do Rio já na semana que vem. A matéria de capa mostra como a ludicidade e suas manifestações se fazem presentes em todas as Áreas de Atuação. A publicação está enriquecida de matérias sobre o movimento **Lives Live**, a história do **cinco por cento** Tereza, o perfil do **compositor** **Waldemar**, as atividades esportivas na **Grande das Cangaças**, o perfil do **compositor** **Waldemar**, as atividades esportivas na **Grande das Cangaças**, o perfil do **compositor** **Waldemar**, as atividades esportivas na **Grande das Cangaças**.

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter.
Mande e-mail para ouvidoriomultirio@pcrij.gov.br ou ligue para 2528-8282.

do Instituto Brasil-Rússia, em Botafogo. O quarto curso de inglês, **Meio de Escala**, já está em fase de finalização.

10 anos da Múlti

Há quase 10 anos nascia a Multieducação. Recebi aquele livro com muito orgulho e receio, apesar de ainda ser uma novidade para mim e para outros colegas. Mesmo tendo participado de alguns eventos preliminares, ainda a considerávamos uma incógnita, uma ameaça na medida em que a víamos como instrumento de mudança, diferença ou desconstrução e, naturalmente, tais sentimentos resultavam em discursos inseguros e atitudes muitas vezes repulsivas. Não podemos desconsiderar que era necessária a elaboração da Multieducação e que não de ser reconhecidas a grandiosidade do trabalho e a competência dos organizadores.

A “Múlti”, como intimamente nos referimos ao nosso currículo, veio acompanhada de um programa de atualização pela TV. A nova organização curricular em princípios educativos e núcleos conceituais foi desprestigiada por equívocos em sua interpretação. Muitos profissionais sentiram-se aprisionados aos encontros que nos fizeram entender que eram necessários em nossos planejamentos.

Certamente qualquer mudança ou adaptação nesta nossa megarrede de ensino está sujeita a situações semelhantes. Outros aspectos, além da dificuldade de atingir o número de profissionais e escolas, contribuem de forma negativa para a aceitação ou o desprendimento de conceitos tão arraigados em nós, professores regentes da rede municipal de ensino. São indagações pertinentes: quantas vezes nos sentimos desrespeitados a clamar para que as instâncias

superiores ouvissem as nossas vozes? Quantas propostas educacionais ou projetos que precisariam de tempo para organização, *apoderamento*, amadurecimento, foram substituídas em função de trocas de governo que mudam os projetos para marcar suas presenças. Quantas vezes consideramos utópicas as teorias baseadas em experiências e pesquisas exteriores desvinculadas da nossa realidade tão diversa e complexa? Professores descrentes estavam recebendo a Múlti para torná-la viva.

A Multieducação tem uma característica fundamental que é valorizar esta multiplicidade, a diversidade, a heterogeneidade que é a educação e principalmente a sala de aula. Essa complexidade é um fator que não tem como ser desconsiderado, já que existe desde o momento em que agrupamos seres individuais, subjetivos, em um mesmo ambiente. Vários são os fatores que considero relevantes como justificativa para o reconhecimento da necessidade da elaboração e, agora, da adaptação da Multieducação. Hoje já podemos comemorar os quase 10 anos de uma proposta que manteve a sua essência, deixando de ser apenas utopia ou desejo, para estabelecer-se como nosso currículo básico.

Como documento, vejo-o como moderno, de vanguarda, na medida em que está preocupado com as incoerências e injustiças da nossa sociedade. Dessa forma, serve de instrumento de conscientização e de transformação do processo pedagógico. Por muito tempo estivemos “controlados” por metodologias e técnicas que prometiam sucesso, desde que

fôssemos fiéis a sua utilização. Este sucesso é questionável em seu significado numa sociedade competitiva como a de hoje, onde a pluralidade não permite a uniformidade de ações.

O currículo valorizou a autonomia e confiou aos professores a possibilidade de encontrar caminhos e respostas para suas inquietações em suas unidades, em cada comunidade, em cada grupo de docentes e discentes. O currículo aponta alternativas, mas investe no trabalho de grupo, na equipe, na reciprocidade que torna possível a promoção de coisas maravilhosas para driblar os obstáculos.

Vivemos mergulhados em um cotidiano cujos valores sociais estão desgastados, onde há incentivo à competitividade, ao individualismo e a interesses e necessidades imediatos. Esta característica histórico-social nos faz resistir e negar propostas e sugestões que desestabilizem as nossas convicções.

Assim como em um namoro, é na interação, na soma das inseguranças, que descobrimos o outro, com desencontros e discordâncias, e efetivamos a verdadeira união, feita de dificuldades. Mas na balança dos acontecimentos o peso da alegria e da certeza de ter feito as melhores escolhas é o que irá baixar o prato. Parabéns à Múlti e aos Professores que são as mãos que movimentam esta luva.

Dilma Vianna Guimar
Coordenadora Pedagógica
E. M. Denise Maria Torres

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Com qual personagem você ma

“Um país se faz com homens e livros”. A frase de Monteiro Lobato (1882-1948), o mais publicado autor de literatura infantil do país, aponta para a importância de histórias e personagens na construção das fantasias e no desenvolvimento da criatividade na infância. As narrativas literárias nos fazem viajar por tempos e espaços inimaginados. Nessa viagem a identificação com um personagem ou outro é inevitável, como atestam os depoimentos a seguir.

Cláudia Araújo, vendedora

– Lia muita história em quadrinhos e a de que eu mais gostava era a da *Turma da Mônica*. Sempre me identifiquei com a Mônica.



Anete Figueiredo, representante comercial

– Gostava muito da Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Ela fazia um monte de besteiras; as trapalhadas me divertiam muito.



Murilo Coutto, livreiro

– Me identificava com o Marcelo, do livro *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha. Ele era curioso, questionador e no final acabava criando uma linguagem própria que fazia mais sentido para ele do que para as pessoas normalmente. Era divertido.



May Essinger, advogada

– Queria muito ser a Narizinho, só para estar ali com aquela avó maravilhosa. O *Sítio* era um sonho para qualquer criança.



Quais se identificou na infância?

Ana Paula Ferreira, pedagoga

– A Clara Luz do livro *A fada que tinha idéias*, de Fernanda



Lopes de Almeida. Engraçado que eu li esse livro na escola e depois o

reli na faculdade. Foi aí que percebi que me identificava com a Clara Luz. Ela queria mudar tudo o que as outras fadas faziam. E, assim como ela, eu sou diferente. Acredito que as pessoas podem fazer algo diferente do que está imposto. O lado social dela tem tudo a ver comigo.

Maria Claudiana Santos, dona-de-casa

– Gostava muito das histórias de Monteiro Lobato. Fazem parte da minha infância. O primeiro livro que li dele foram as *Fábulas*. Cresci acompanhando Narizinho. Minha avó lia as histórias para mim.



Saint Clair Milesi, jornalista

– Me lembro de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint Exupéry. Era o livro que mais tinha a ver comigo. O texto era muito próximo da linguagem das crianças. Dava para fantasiar bastante, fazer a nossa própria interpretação...



Marcello Callado, músico

– Adorava o Pequeno Vampiro [personagem da série de mesmo nome de autoria de Angela Sommer-Bodenburg]. Ele era um vampirinho do bem e eu me identificava totalmente com ele, até porque éramos da mesma idade.



Brincar e aprender o mundo

O momento em que aprendeu a ler é uma das melhores recordações que a mineira Angela Lago guarda da infância. Nascida em Belo Horizonte, ela vivia a ouvir histórias contadas pela mãe e mal podia esperar para lê-las sozinha. Com seis filhos, a mãe de Angela não podia atender aos pedidos de todos, e nem sempre a curiosa e inquieta menina se encontrava com os personagens com quem queria encontrar-se. Afinal, os irmãos também tinham de ter vez. Descobertas as primeiras letras, Angela passou a devorar livros com os próprios olhos – escrita e imagens. O deslumbramento tornou-se a cada dia maior. Tanto que hoje, aos 60 anos, Angela é escritora e ilustradora de livros infantis. Com mais de 30 deles publicados e prêmios no Brasil e em países como França, Espanha e Japão, Angela mistura palavras e imagens para contar suas histórias. E vive brincando com letras e desenhos. “Se eu não brincar, se não usar palavras e traços como um brinquedo, um lugar onde vou experimentar e me divertir, não consigo chegar às crianças”, ensina.

Na sua opinião, qual é o papel da literatura na formação e educação das crianças?

Ler é uma das muitas formas de aprender o mundo. Até os contos de fadas nos ensinam o mundo, nos ensinam a viver, nos falam sobre as questões humanas. Qualquer pessoa que desejar crescer de alguma forma vai se apropriar desta oportunidade que é o livro, desta quantidade enorme de portas que se abrem graças ao livro. As crianças, através dele, têm esta possibilidade de crescimento, seja dentro de seu processo de educação formal, seja em seu horário de lazer.

Você citou os contos de fadas, que são uma referência constante em seu trabalho, tanto nas histórias quanto em seu *site* na internet [www.angela-lago.com.br]. Por que o encanto por eles?

Eu acho que os contos de fadas são realmente pérolas da nossa cultura. São histórias que se perpetuam oralmente, o que significa que muitas pessoas os modificaram. Este somatório de pequenas mudanças feitas ao longo dos sé-

culos transforma estas narrativas em narrativas-pérola, polidas pela sabedoria do povo. O que os contos de fadas têm de mais importante é que dão todas as dicas para nós, humanos: é preciso vencer o medo, as bruxas, os dragões e ir ao encontro da grande aventura do ser, que é a aventura amorosa. Eu acho os contos de fadas profundamente verdadeiros porque sintetizam a busca humana, que é a busca amorosa, a meu ver, e também a busca pela transcendência. Ao fazerem seus trajetos, o príncipe e a princesa crescem e se transformam, passam a usar uma coroa que assinala a realeza da figura humana, a transcendência da figura humana. Acho que são contos exemplares, maravilhosos, contos curadores, que acalmam e restauram a psiquê humana, que devem ser contados para os doentes, para as pessoas em situação de apuro e aflição.

Mesmo com todo este encanto e apesar das inúmeras referências, você nunca ilustrou um conto de fadas. Por quê?

Contos para mim são sagrados, por isso nunca illustrei nenhum dos recolhidos pelos grandes

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

ILUSTRAÇÕES

ANGELA LAGO

folcloristas. Tenho muita vontade de fazer isso, mas estou deixando para o futuro, quando eu crescer. Até hoje o que eu tenho são adaptações de contos populares que não são os de fadas, são contos tradicionais. Na verdade, estou atualmente perto de trabalhar com o mais antigo conto de fadas que chegou até nós – *Eros e Psique*, da cultura grega, anotado por Apuleio no século IV, no livro *O asno de ouro*. O Ferreira Gullar muito gentilmente traduziu este conto a meu pedido e devo ilustrá-lo ainda este ano. É um conto lindo, o único conto grego que não tem um fim trágico. Psique, que é uma figura humana, no final se transforma em semideusa. A estrutura é a do conto de fadas. Inclusive o clássico *A bela e a fera* é uma das muitas versões posteriores desta história.

Quais são suas primeiras recordações das letras?

Tenho 60 anos. Minha infância foi uma infância sem televisão, em que os pais estavam mais perto das crianças, em que as mães não trabalhavam. Minha primeira recordação é da minha mãe com um livro no colo nos lendo histórias. Era impossível dormir sem a leitura daquelas histórias. Era um hábito e hoje é uma recordação que guardo com saudade, uma recordação muito boa.

E suas primeiras leituras, quais foram?

Foram as mesmas histórias que minha mãe contava. Assim que aprendi a ler, fui atrás delas, desesperada, porque ela não tinha contado todas as vezes que eu queria ouvir, todas as vezes que precisei reler. Como éramos muitas crianças, minha mãe não tinha possibilidade de ler todas as histórias que cada um queria. Quando eu aprendi a ler, fiquei na maior felicidade, corri para a biblioteca. Li os contos coletados por Hans Christian Andersen, os contos escritos por ele, os contos coletados pelos irmãos Grimm. Estas são basicamente as duas

grandes referências da minha infância. Sou uma leitora de contos de fadas até hoje.

Como foi que você passou de leitora de histórias a contadora de histórias?

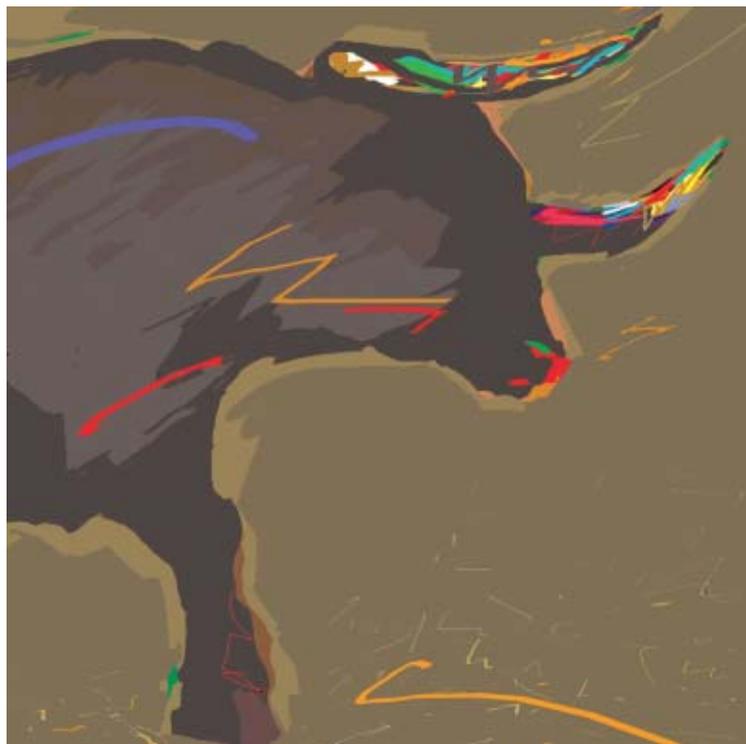
Sou formada em serviço social. Trabalhando como assistente social, cheguei a contar histórias para crianças em um hospital, trabalhava com crianças com dificuldades psicopedagógicas. Mais ou menos aos 30 anos de idade, fui estudar artes gráficas em Edimburgo, na Escócia. Lá mesmo eu falei: “Sabe de uma coisa? Vou fazer o que quero fazer da minha vida. O que eu mais gosto é contar e desenhar histórias”. Comecei a me preparar para isso e voltei para o Brasil já para me dedicar à literatura infantil. Lutei muito tempo para conseguir a primeira edição, o que é comum, é difícil mesmo.

Nunca mais parei, já tenho 30 anos de trabalho nesta área. ►



Seu trabalho mostra uma relação muito peculiar entre palavras e imagens. Você mescla as duas, escreve livros só de imagens... Como funciona para você a relação entre elas?

É possível contar uma história sem palavras, só com imagens. Eu faço isso em alguns livros. Mas, de qualquer forma, ao ler estas imagens, elas se transformam em palavras. Nós somos seres da palavra. A imagem em algum momento acaba evocando estas palavras. Eu só escrevo sem palavras quando fica muito difícil escrever com palavras. Posso dar dois exemplos. Meu livro *Cena de rua* fala de um menino de rua vendendo coisas no semáforo. É um livro de alguma forma muito cruel, mais uma reportagem que uma história. Não coloquei palavras simplesmente porque eu não tinha mesmo palavras para colocar. Se tentasse escrever, ia ficar uma coisa vazia, demagógica. Acabei achando que a imagem diria melhor do que qualquer possibilidade que eu pessoalmente tivesse de falar desta minha indignação diante da situação social do Brasil e das crianças que vivem e trabalham nas ruas. O outro livro, *Cântico dos cânticos*, é uma referência ao *Cân-*



tico dos cânticos da *Bíblia*. Neste eu desisti de colocar palavras. Trabalhei muitos anos nele, pensava que ia colocar palavras, deixei até um espaço para isso. Depois cobri este espaço com ornamentos, porque qualquer coisa que eu dissesse ficava aquém da minha referência, que era a *Bíblia*. É um livro sobre o amor. Eu queria de alguma forma passar este aspecto sagrado do amor. Cada vez que eu escrevia, isso ia por água abaixo. Então achei que seria melhor que o leitor visse o livro, se interessasse em saber que *Cântico dos cânticos* era aquele e tivesse a mesma surpresa que eu tive, aos 12, 13 anos, de encontrar esta permissão para o amor erótico dentro de um livro sagrado. Não é uma surpresa encontrar na *Bíblia* um texto que diz “Beija-me com os beijos da sua boca, porque seu amor é melhor do que o vinho”? Não é fantástico, bonito demais? Acho que tem de ser descoberto na *Bíblia* mesmo.

E o que é mais natural em você, as imagens ou as palavras?

Gosto mais de desenhar, porque faço com menos esforço. Acho que Carlos Drummond de Andrade tinha razão quando disse que lutar com palavras é uma luta vã. E tem uma coisa: eu escrevo, escrevo, escrevo e não consigo saber se está bom ou ruim. A possibilidade de fazer um julgamento mais objetivo do próprio trabalho no desenho é muito maior que no texto. Eu me sinto mais à vontade, acho que minha capacidade de analisar meu trabalho é maior. Para eu chegar a saber se um texto meu não está muito ruim, preciso guardar um mês, dois meses na gaveta e depois reler como se não fosse meu. Com o desenho é mais rápido. É igual a uma fotografia, você olha e sabe se está bom ou não.

Em seu *site* na internet há uma série de brincadeiras com as palavras, as letras e suas formas. A literatura conduziu você naturalmente a estas possibilidades lúdicas com a escrita?

Eu gosto de aprender e adoro computador. Comecei a trabalhar com computador ainda nos anos 80, já mexendo com computação gráfica. E assim que a internet se abriu para fora das universidades eu fiz meu *site*, um *site* feito com crianças. A linguagem da internet, das



novas mídias, me interessa muito. Eu gosto de animação, gosto de trabalhar com sons, estudo violoncelo, gosto muito de música. E gosto de brincar. Acho que a internet é um lugar para eu aprender, porque é um lugar que ainda está acontecendo. Estou com vontade de fazer ainda muitas coisas nesta linha.

Você acha que é mais fácil chegar às crianças através da internet?

Na verdade acho que tanto faz usar a internet ou o livro. São formas diferentes de explorar as possibilidades da literatura, mas os dois são mídias excelentes. As crianças pequenas adoram o livro. Elas passam a ter birra do livro depois que algum adulto resolve falar que ler é obrigatório. Quando pequenas, elas não têm qualquer preconceito contra o livro. E a internet também é uma mídia excelente para brincar com a criança. Gosto muito dos dois.

Você tem algum contato com seus leitores, que lhe proporcione um retorno sobre seu trabalho?

Existem algumas crianças que eu adoro, que eu vejo crescer. São estas as crianças com quem eu tenho contato. Não vou às escolas, porque tenho de gerenciar um tempo que é pequeno para as coisas que quero fazer. Se for a uma escola, fico obrigada a ir às outras. O único contato que eu tenho com crianças é com as que eu amo, de quem quero estar perto, com quem eu brinco. E dificilmente falamos sobre meus próprios livros. Mas a internet dá esta

possibilidade da troca, porque recebo vários *e-mails* com comentários, perguntas, muitas crianças me escrevem.

Que mensagens para pais e educadores você acha possível extrair do tipo de trabalho que você faz?

Acho que o mais importante de tudo o que aprendi até hoje é que brincar e aprender podem ser muito próximos. Se você tem som, interatividade, animação de texto e imagem – e estas são possibilidades que as novas mídias trazem –, brincadeira e aprendizado são indissociáveis. A possibilidade de usar tudo isso para passar um conteúdo educativo me interessa muito. Ando com muita vontade de fazer isso na área da música. Ensinar a criança a ler uma partitura fica muito fácil brincando. No meu *site*, ensino o ABC para crianças pequenas. E sinto que não existe esta dissociação entre prazer e aprendizado. É exatamente o contrário. Aprender coisas novas é uma das coisas mais prazerosas que a gente pode fazer. Aprender é ótimo, divertidíssimo. E brincar é aprender, porque a gente brinca para aprender alguma coisa. Toda brincadeira gera aprendizado. E na minha área de trabalho, se não brincar, eu danço. Se não tiver uma aproximação do desenho como um brinquedo, um lugar onde eu vou experimentar, onde vou testar e me divertir, meu trabalho vai ser muito ruim. Não chega às crianças. E não acontece. A grande experiência da criação associa experimentar, que é brincar, e aprender o mundo, ver o mundo de uma maneira nova. ■

Informática sem complicação

Sistema criado pela MULTIRIO dinamiza o uso dos laboratórios de informática das escolas da Rede

SAIBA MAIS

site **Monitomania**

www.multirio.rj.gov.br/portal/monitomania

O Portal Multirio acaba de pôr no ar o Sistema de Monitoria Virtual (Monitomania), construído pela equipe do Núcleo de Tecnologia da Informação da MULTIRIO, com a participação da Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME), e dos professores e alunos monitores de informática educativa. O sistema surgiu a partir da experiência realizada pelo Programa Século XX1 com alunos da Escola Municipal Aníbal Freire. O objetivo foi dinamizar o uso dos laboratórios, preparando grupos de alunos para atuar como monitores. Essa experiência inspirou a criação do site Monitomania,

que possibilita a monitoria via internet. A intenção é que o site seja utilizado por alunos e professores, favorecendo ainda mais o desenvolvimento de uma cultura de informática nas escolas. O site possibilita ao internauta tirar suas dúvidas e fazer perguntas sobre várias áreas do conhecimento. Nesta primeira fase, a área disponível é a de informática educativa, englobando assuntos como internet, Mulec, Iluminatus, entre outros. Cada tópico tem um professor responsável, que acompanha as respostas dos alunos monitores. A partir desta vivência, a escola poderá refletir e transformar a prática educativa. ■

Passo a passo



Na página inicial, o internauta tem acesso a duas seções: Procurar Perguntas Respondidas e Fazer Uma Nova Pergunta. Na primeira, aparecem duas opções de listagem: por área e por palavra-chave. No primeiro caso, basta o usuário clicar na área desejada, Informática Educativa, e será exibida a página com as opções de temas. A página seguinte mostra a lista de perguntas já respondidas.

Ao buscar perguntas por palavra-chave, o internauta preenche o campo, seguindo a instrução de digitar uma ou mais palavras relacionadas à sua dúvida; escolhe a área do assunto, clicando na setinha da caixa Na Área e em seguida clica no balãozinho Buscar.



Caso o visitante não encontre resposta alguma à sua consulta, deve clicar na seção Fazer Uma Nova Pergunta. Basta seguir as instruções disponíveis na página e digitar a pergunta no campo apropriado. Depois de escolhidos a área e o assunto, o internauta informa nome, e-mail, unidade escolar e série. Se o visitante não for aluno da Rede, não será necessário preencher o último campo. O usuário receberá um e-mail avisando que a resposta já está disponível no site.

Ode ao ‘maestro soberano’

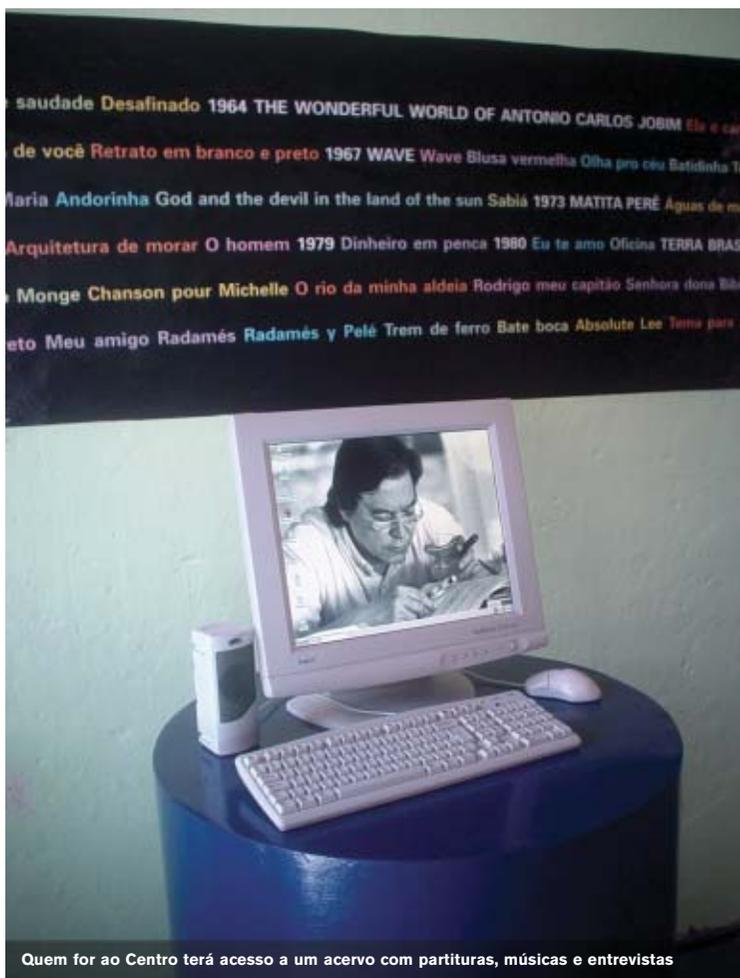
Centro construído no Jardim Botânico mantém vivo o legado de Tom Jobim no Rio de Janeiro

Poucas personalidades se confundem tanto com o espírito de uma cidade quanto o maestro e compositor Tom Jobim. Doze anos depois de sua morte, os cariocas poderão enfim revisitar momentos de sua vida e obra exatamente no lugar que, nas palavras do filho mais velho, ele mais amou no mundo: o Jardim Botânico.

O memorial foi construído em um pavilhão reformado. É um lugar em que pesquisadores e fãs do artista poderão ter acesso a partituras, desenhos, cartas, músicas, videocliques e entrevistas. O espaço é decorado com fotografias de Tom, uma referência viva até mesmo para os grandes nomes da MPB, como o também compositor Chico Buarque, cuja admiração e devoção a ele está expressa na canção *Paratodos*: “Meu maestro soberano foi Antonio Brasileiro”.

Bem ao lado da sala onde os vídeos são exibidos, desponta uma gigantesca e nostálgica fotografia de Tom sentado com seu famoso chapéu em algum canto do Jardim Botânico. Suas canções, aliás, remetem a um Rio exatamente nesse tom. Quem ao sobrevoar a cidade não se emociona quando minutos antes do pouso ouve tocar o *Samba do avião*?

É esse viés de identificação com a cidade que o Centro quer resgatar. O lugar, além de uma ode ao legado de Tom, é um elogio à cidade ►



A música, a felicidade, os bichos...

“A criação resolve em parte a angústia. Eu acho que quando você faz uma música você dissolve uma depressão. O piano funcionava como espelho na correção de meus defeitos. Procurava uma harmonia, uma coisa boa. Eu não ia fazer uma música para incentivar o suicídio, para arregimentar o ódio, nem para conduzir à droga. Nós temos uma responsabilidade. Não posso fazer uma música que leve alguém à desgraça. A música tem que

levar ao reflorestamento, ao amor aos bichos e à família. Aquele negócio que o Caetano Veloso disse sobre a Bossa Nova: ‘O Brasil tem que merecer a Bossa Nova’. A gente tem que merecer a Bossa Nova: ter uma mulher bonita, ir à praia, talvez um dia ter um barco, navegar num barquinho azul. O conselho da Bossa Nova é de levar a pessoa à vida. Apesar de que todos nós éramos esquerdistas. Todos nós fomos presos pela ditadura militar”.

A face ecológica de Tom

A natureza que cercava Tom Jobim – fosse a bela Praia de Ipanema de sua juventude, ou o verde da cidade que tanto o emocionava – fez dele um defensor da ecologia, uma bandeira que defendeu até o fim, estudando e aproveitando o espaço que tinha na mídia. Além de defender a vida selvagem, Tom também se preocupava com a ecologia urbana, pregando o equilíbrio entre as cidades e sua população. Isso se refletiu em sua carreira. Da chamada fase ecológica, que vai de 1972 a 1976, sobressaem o clássico *Águas de março* e dois LPs com nomes de pássaros, *Matita*

Perê e *Urubu*, além composições que louvam a natureza, como *Sabiá*, *Tempo do mar*, *Rancho nas nuvens*, *Boto* e *Correnteza*.

O compositor vem emprestando seu nome a ações educacionais desde 1997, como o projeto Tom da Mata, de educação ambiental e musical para escolas públicas, centrado no ecossistema da Mata Atlântica, uma das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo. Na mesma linha, o projeto Tom do Pantanal deverá atender a 800 escolas de diversos estados.

SAIBA MAIS

www.antonioCarlosjobim.org



Um acervo com 800 fotografias está disponível ao público que visitará o Centro

que tenta ainda manter vivo um traço marcante de seu trabalho: juntar cultura a meio ambiente e ainda abrigar projetos e atividades na área teatral. E tudo isso com tecnologia. O objetivo do empreendimento é digitalizar todo o acervo do artista. Por enquanto, já estão disponíveis ao público cerca de 800 fotografias. A intenção é que tudo esteja concluído até 2007, quando Tom completaria 80 anos.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Com um custo estimado em R\$ 1 milhão, o Centro Tom Jobim foi inaugurado no Jardim Botânico

no dia 17 de abril. A inauguração contou com apresentação do Trio Tom Jobim – composto por Paulo, o filho mais velho, Daniel Jobim e Paulo Braga e autoridades do governo. O ambientalista João Fortes é o presidente da instituição, que é dirigida pela cenógrafa Biza Vianna. Paulo é o presidente do Conselho. O espaço está aberto ao público diariamente das 10 às 17h. O visitante paga apenas o ingresso ao Jardim Botânico, no valor de R\$ 4,00. Alunos e professores da Rede têm passe gratuito se estiverem em excursão escolar. ■

Lazer ao alcance de todos



Programa Germinal MEL promove o esporte e a arte entre quase 60 mil crianças e jovens no Rio

Educar através do esporte e da cultura. Este é o objetivo do programa Germinal MEL (Movimento Esporte e Lazer), da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (Smel), que oferece gratuitamente atividades esportivas, culturais e de lazer em 268 núcleos espalhados por toda a cidade. Diariamente, cerca de 55 mil crianças e jovens entre sete e 21 anos de idade participam de suas oficinas e cursos. Cada núcleo atende em média a três comunidades e com isso o programa alcança mais de 900 no total. As inscrições são feitas diretamente nos núcleos e para participar basta preencher ficha médica, apresentar comprovante de escolaridade e permissão por escrito dos responsáveis.

O MEL é uma alternativa para a ocupação do tempo livre de crianças e jovens em idade escolar através de atividades realizadas próximas a suas residências. “O programa visa formar cidadãos e permite que esses jovens ocupem seu tempo ocioso de uma forma saudável”, ressalta a diretora-técnica Magda Oberlaender. Seus instrutores são capacitados pela Fundação Rio Esportes e pelo Conselho Regional de Educação Física.

Das 32 modalidades esportivas oferecidas pelo programa, a mais concorrida é a de futebol de campo, seguida por futsal, capoeira e vôlei. Mas quem se interessar por outras modalidades como atletismo, basquete, futebol soçaite, handebol, jiu-jitsu, judô, caratê, kung-fu, tênis ou natação, encontrará treinamento especializado nos núcleos atendidos pelo MEL. E não só esportes. Há cursos de artesanato, balé, circo, dança, *hip-hop*, ginástica, música, teatro e violão, entre outros.

A formação de atletas de alto nível não é o foco do programa. Mas o incentivo ao esporte nas comunidades acabou por revelar novos talentos. Muitos alunos se tornaram atletas federados e participaram de competições até fora do Brasil. “Temos campeões sul-americanos de atletismo que se iniciaram nos núcleos atendidos pelo programa. Muitas crianças são absorvidas por clubes de futebol. O caso mais recente é o do núcleo de Jardim Bela Vista, em Campo Grande, em que três alunos foram selecionados para jogar na equipe mirim do América”, explica a psicóloga Miná Benevello Taam, gerente socioeducacional.

Cada núcleo tem um coordenador responsável pela montagem de uma equipe de agentes educadores, todos eles moradores das comunidades. Aliás, o fato de morar na própria comunidade tem algumas vantagens: gera emprego e renda e o indivíduo se torna uma referência para a criança, um exemplo positivo com o qual ela se identifica. O agente conhece ainda as necessidades e problemas de sua comunidade e pode adequar o funcionamento dos núcleos de acordo com a realidade local. Por isso, o índice de faltas entre esses profissionais tem sido muito baixo. A única exigência é que cada equipe cumpra uma carga horária de 20 horas semanais, embora cada núcleo tenha autonomia para montar sua grade de atividades de acordo com as necessidades das comunidades. “Existem áreas em que a maioria das crianças estuda à tarde. Em outras, pela manhã. O importante é que as crianças pos- ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



As aulas de balé são concorridas entre as meninas que procuram atividades no Germinal MEL.

sam ser atendidas da melhor forma possível”, frisa a diretora técnica.

Outra característica é a contínua capacitação dos profissionais envolvidos. Os agentes são instruídos em relação ao comportamento que devem ter ao ministrar suas atividades e sua capacitação é feita por professores de educação física das vilas olímpicas do município. Um dos objetivos do programa, aliás, é que os jovens freqüentem as vilas, de forma que um complemente o papel do outro. Os agentes têm ainda aulas de sociologia, psicomotricidade e primeiros socorros. Eles também recebem treinamento especial para trabalhar com alunos deficientes e portadores de síndrome de Down. “A capacitação permanente valeu a pena. No início, a maioria dos agentes tinha apenas o ensino fundamental. Hoje, a maior parte terminou o ensino médio e o número de profissionais que ingressam na faculdade é cada vez maior. Temos um caso de uma senhora de 60 anos que iniciou recentemente o curso de educação física”, avalia Miná Taam.

Parcerias e oficinas – O MEL promove parcerias com os postos da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), cujos profissionais ministram palestras sobre temas como higiene, sexualidade, Aids e outras doenças infectocontagiosas. Além de permitir o acesso a informações importantes para a vida das comunidades, o convênio resultou no aumento de freqüência das

comunidades envolvidas aos postos de saúde. Já uma parceria com a Secretaria Especial de Dependência Química resultou em um curso sobre prevenção contra drogas e outra, com o Rio Mulher, em um curso sobre gênero e cidadania.

Parcerias com o Rio Zoo, Planetário, Cidade das Crianças, Museu Nacional e Museu Aeroespacial permitem que crianças e jovens possam desfrutar de passeios ao mesmo tempo educativos e divertidos. O MEL ocupa ainda espaço em 17 escolas da Rede, número que tende a aumentar.

O programa também promove eventos e oficinas em que os participantes podem mostrar tudo o que aprenderam nos núcleos e desenvolver novas habilidades. O festival de dança *Remelxo* é uma oportunidade para as crianças trocarem experiências e se divertirem com colegas de outras comunidades. A Copa MEL de Futebol reúne durante dois meses até 200 times das mais variadas regiões da cidade. As festas junina, de Natal e do Dia da Criança também costumam atrair um público em torno de 10 mil pessoas. Já o MEL Cidadão promove encontros em que os participantes discutem política, cidadania, direitos e deveres.

Nas oficinas de comunicação, os alunos aprendem como se faz um jornal comunitário. Eles discutem temas de interesse da comunidade, suas necessidades, problemas e aspirações. O produto final é impresso e distribuído pela prefeitura e postado em associações de moradores e em outras entidades. A coordenação do programa é a responsável pelo *Jornal do MEL*, que divulga as atividades e eventos desenvolvidos nos núcleos. O *Jornal da Prefeitura* também divulga as realizações do programa.

“O programa tem sido um grande sucesso. Se não fosse o MEL, eles não teriam as mesmas opções de atividades. O que esses jovens realizam nos núcleos têm um impacto muito positivo em suas vidas. As notas melhoram, o comportamento também, principalmente dentro de casa. Ao mesmo tempo, as pessoas da comunidade se sentem valorizadas. Tem sido uma experiência muito positiva”, resume Magda Oberlaender. ■

Roda de escuta

Não me lembro muito bem que idade eu tinha quando comecei a me interessar por histórias. Sei que era bem pequena, pois a lembrança da minha roda de escuta ainda está bem viva na minha mente.

É uma imagem deliciosa! Lembro-me da minha avó, italiana – que como boa italiana falava muito com as mãos – que aos domingos, depois do almoço, – sempre massas feitas por ela –, sentava no quintal embaixo das goiabeiras com todos os netos – 12 ao todo – e um saco cheio de laranjas que pacientemente descascava para cada um, do jeito que cada um pedia: “chupe-chupe”, “gominhos”, “tampinha”, partida ao meio, e assim ia...

Enquanto descascava, contava as histórias da sua Itália, uma Itália rural onde personagens mitológicos se entrecruzavam com pessoas do campo e com animais. Eram histórias fantásticas, doces, assustadoras, um mundo todo encantado que ela, cada vez que contava, acrescentava um pouquinho da sua imaginação ou um pedacinho de outra história. Eram sempre diferentes, ela nunca as repetia ou, se contasse a mesma história, tinha o cuidado de modificar algum pedacinho ou o final.

Bricout fala desse momento mágico e único de ouvir histórias. Para ela, é nos vazios do silêncio que se escreve a história dos homens. Essa história é tecida de palavras sussurrantes, de gestos singulares que o contista organiza em narrativas únicas que sobreviverão em nossas memórias.¹

A roda de escuta está presente desde que o homem se tornou um animal racional e descobriu a voz. Nessas rodas ele contava seus casos, suas histórias, suas lutas, suas conquistas. Os mitos, os contos, o teatro e todas as formas possíveis de comunicação oral e corporal transmitiam valores, costumes e regras sociais.

Mas não era só isso, a roda de escuta também alimentava a alma humana, como bem exemplifica o conto a seguir:

“Em uma narrativa encontrada no Quênia, existia a mulher de um homem pobre que era feliz e

vivia com saúde. Enquanto isso, a sultana, no palácio, emagrecia e ficava mais triste a cada dia que passava. O sultão chamou o homem pobre para saber o segredo da felicidade de sua mulher. E o homem respondeu: ‘É muito simples: alimento-a com a carne da língua’. O sultão ordenou que buscassem todas as línguas que o dinheiro pudesse comprar: línguas de boi, de carneiro, de cotovia. Mas sua esposa continuava a definhar. Então ele ordenou que a sultana trocasse de lugar com a mulher do homem pobre. A sultana imediatamente recuperou-se na casa do homem pobre, tornou-se robusta, rosada e alegre. Em compensação, no palácio, a esposa do pobre homem, que era bela e saudável, começou a definhar, tornando-se em pouco tempo igual à antiga rainha. Pois a carne da língua com que o homem pobre alimentava sua esposa não era material. Eram contos de fadas, histórias, anedotas: alimentos transmitidos pela fala, embalados em linguagem. Ao recusar o silêncio, ele afugentava a melancolia”.²

Oswaldo Montenegro disse em uma entrevista: “Hoje eu sei que não me contaram história para me fazer dormir, mas para me fazer sonhar”. É, o “Era uma vez...” tem até hoje a imaginação e a fantasia criadora, um apelo irresistível para as pessoas, levando-as ao encanto e à magia.

Segundo Bettelheim, a magia de um conto está no ato de contar e Abramovich nos diz que “ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento, dos melhores... É encantamento, *maravilhamento*, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada.”³ ▶

¹ BRICOUT, Bernadette. “Conto e mito”. In: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.

² WANER, M. *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. (T. M. Nóbrega, trad.) São Paulo, Companhia das Letras, 1999. p.13.

³ ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo, Scipione, 1997. p. 24



Rosilene Mattos

Professora de educação artística, pós-graduada em arteterapia, lotada na 2ª CRE. Acompanha as salas de leitura (pólos e satélites) e trabalha com a formação de professores de ciclo e de progressão.

Da mesma forma que a roda de escuta está presente desde que o homem se descobre racional, o registro também se fez presente nas pinturas das cavernas. Ali, ocultos nas entranhas da Terra, os registros faziam parte de um ritual mágico cujo propósito era assegurar uma caça bem-sucedida. Mais tarde, esses registros começam a contar as histórias do grupo e o próprio homem se fez presente na representação.

Séculos mais tarde, esculturas, máscaras, talhas, tótems passaram a ser os registros da suas magias, das suas histórias, dos seus rituais.

Segundo Gombrich, historiador de arte, se tentarmos penetrar na mentalidade que criou os ídolos sobrenaturais, começaremos a entender que não só a feitura de imagens nestas antigas civilizações estava vinculada à magia e à religião como era também a primeira forma de escrita.

Sabemos que ao ouvir histórias a criança sente mais facilidade em criar outras, desenvolvendo o seu vocabulário e a seqüência de idéias. A literatura é um verdadeiro laboratório de criatividade para o professor contar histórias e o aluno criar e recriar, produzindo seus próprios textos.

Fátima Miguez, em seu livro *Nas artimanhas da literatura infantil*, nos diz que todo professor tem que ser um leitor apaixonado para transmitir aos alunos o prazer da leitura.

O professor, ao contar as histórias, tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração. Assim, influenciará o processo de construção de alunos leitores e alunos críticos que saberão interpretar as várias visões de mundo, usufruindo dessas leituras para uma compreensão de seu próprio mundo interior. É através dos livros que podemos, além de preservar, estar sempre renovando a nossa história. ■

PREFEITURA DO RIO

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Nós da Escola: a revista do professor do Rio também na TV e na web.

Toda quarta, às 14h, na BandRio,
e em horários alternativos no canal 14 da Net.
Acesse www.multirio.rj.gov.br para saber mais.



Portas abertas ao cidadão

Programa 'Rio, a Cidade', da MULTIRIO, leva informação e serviço ao público há cinco anos

No dia 11 de junho de 2001 entrava no ar um programa ao vivo, interativo e focado em cidadania. Pela crença comum de que audiência se garante com apelação, o risco era grande. Por sorte, a disposição de arriscar também. Desde então, uma das mais bem sucedidas produções da MULTIRIO, o *Rio, a cidade!* – antes exibido apenas na TV Bandeirantes, para o Rio e Grande Rio, e agora também no canal 14 da Net e TV Alerj – se firmou como programa de serviço e entrevistas, com participação do público. Este mês, o programa chega à milésima edição, um verdadeiro troféu pela ousadia.

Muitas pessoas ajudaram a construir essa história de sucesso ao longo desses cinco anos. Duas delas, desde a sua concepção: a apresentadora Kátia Chalita (também diretora do Núcleo de TV, Rádio e Cinema) e Norma Nascimento, roteirista. A princípio, o objetivo era mostrar o trabalho “invisível” dos órgãos municipais. Valorizava-se o funcionalismo ao mesmo tempo em que se sinalizava ao carioca um caminho para resolver suas demandas. Mas o atentado aos EUA, em 11 de setembro daquele ano, “chacoalhou” a equipe no sentido de pensar o que mais poderia oferecer. Logo, foi feito um programa sobre terrorismo. “Esse foi o *insight* do que viria em 2002”, conta Norma. E ficou assim: pauta livre a partir da segunda temporada. Foi quando chegou à produção o diretor Alexandre Montoro, “debutando” no formato ao vivo. “É muita adrenalina, mas sempre trabalhei com equipes ótimas. Planejamos com antecedência para que não surjam problemas inesperados”. Alexandre reassumiu a direção este ano. O espaço é aberto para falar sobre tudo, mas sempre apontando soluções. O que não entra é política partidária.

Há assuntos que provocam reflexões. Kátia comenta o programa sobre a felicidade, tema tão subjetivo que trouxe um resultado surpreendente. “Uma pessoa soropositiva ligou para contar que descobriu que poderia ajudar os outros e continuar a ser feliz”, relembra. “Ao mesmo tempo em que falamos

de coisas práticas, há temas de análise e até investigação”. A emoção, porém, passa longe do mau gosto. “Ponderava-se sobre a interatividade, havia a preocupação de que alguém pudesse ligar para falar coisas ofensivas. Mas isto nunca aconteceu. O cuidado com que tratamos os assuntos e o público é respondido à altura”, atesta Kátia. Mas o formato ao vivo suscita outras situações: e se o convidado não “render”? A apresentadora não se abate: “Trabalho sempre com a mesma emoção, não interrompo o entrevistado e, além do roteiro, faço perguntas que podem ser importantes para o telespectador”.

“A pauta diversificada é o que torna o programa tão encantador”, completa Tomil Gonçalves, diretor entre julho de 2002 e dezembro de 2003. Aliado a isso, estão as matérias de abertura. “A concepção é caprichada, quase pequenos documentários”. Este ano houve uma mudança na elaboração das pautas. Cada dia da semana é dedicado a temas específicos. Na segunda-feira, fala-se de serviços e ciências políticas. Na terça, saúde e qualidade de vida. Quarta-feira é dia de comportamento, família ou educação. Arte e cultura entram na pauta às quintas. Na sexta-feira, o tema é livre. O que não muda é a preocupação com quem está do outro lado, como diz Kátia: “Ao vivo, abrimos as portas para o cidadão, com suas dúvidas e anseios”.

Não há uma pesquisa formal sobre o público. Mas, pelo retorno via telefone e ouvidoria da MULTIRIO, estima-se que a audiência gire em torno de 300 mil pessoas, de ambos os sexos, bem informadas e sem limite de faixa etária. “Seja qual for o assunto, as perguntas são sempre pertinentes”, diz Norma. Os telefonemas são principalmente da Baixada Fluminense e das zonas Oeste, Norte e Centro do Rio.

Além de Kátia Chalita, Alexandre Montoro e Norma Nascimento, a equipe conta ainda com a editora Renata Augusta, a repórter Janaina Nöel, quatro produtores e um editor de imagem. ■

TEXTO

BETE NOGUEIRA

SAIBA MAIS

Rio, a cidade!

- BandRio, de segunda a sexta-feira, às 14h30 ao vivo;
- Reapresentação: Canal 14 da Net, de segunda a sábado, às 7h30 e de segunda a domingo, às 13h30;
- TV Alerj, de segunda a sexta, às 9h30, e de quinta a sábado, às 21h30.

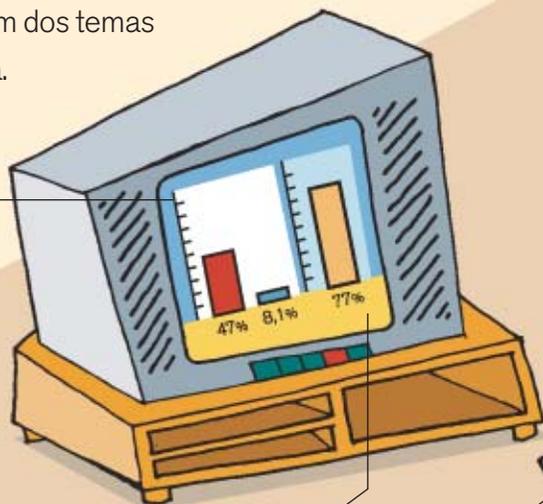
A opinião dos professores

Há mais de um ano, a preocupação com a qualidade da programação de TV levou o Ministério da Justiça a reavaliar a classificação indicativa das produções televisivas e refletir sobre que parâmetros utilizar. O processo foi iniciado em abril de 2005 com a realização de cinco encontros por todo o país, que reuniram representantes de diversas áreas da sociedade civil. Em setembro, partiu-se para uma consulta pública. Mais de 10 mil pessoas preencheram um questionário distribuído nas principais capitais brasileiras. A edição 32 de NÓS DA ESCOLA tratou do tema e publicou o mesmo questionário no encarte *Giramundo*. Muitos professores o preencheram e nos enviaram as respostas. Confira o que eles disseram sobre cada um dos temas abordados na pesquisa.

Exibição dos símbolos

47% defendem que os símbolos e informações devem ser exibidos na TV no início de cada programa e imediatamente depois do retorno dos intervalos comerciais;

8,1% acham que os símbolos e informações devem ser exibidos apenas no início da programação.



Veiculação

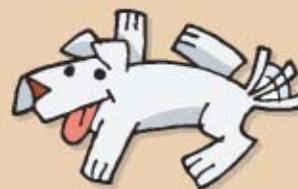
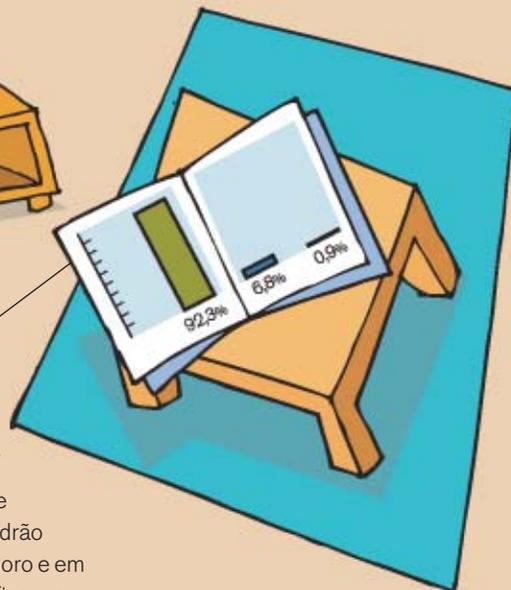
77% acham que a classificação indicativa também deve ser veiculada durante a exibição do programa.

Símbolos e informações

92,3% acham que deveria haver um padrão nacional escrito, sonoro e em LIBRAS para classificar os programas;

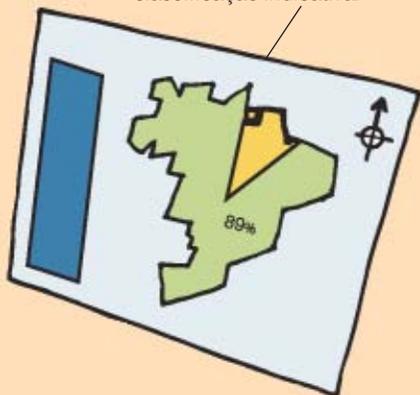
6,8% acham que o padrão deve ser apenas escrito e sonoro;

0,9% defende um padrão apenas escrito.



Adequação regional

89% apontam a necessidade de se adequar regionalmente a transmissão dos programas, respeitando os fusos horários do país e a classificação indicativa.

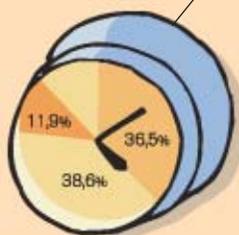


Horário livre

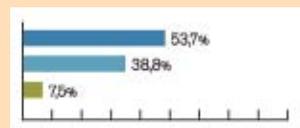
36,5% dos professores pesquisados acreditam que o atual horário de proteção à criança e ao adolescente (Livres), entre 6h e 20h, deveria ser alterado para o de 6h às 22h;

18,6% acham que o horário deveria se dar entre 6h e 21h;

11,9% defendem um horário livre entre 7h e 23h.



Classificação indicativa



Para 53,7% dos professores pesquisados, a classificação indicativa pode ser explicada como o serviço de informações de caráter pedagógico sobre o conteúdo da programação televisiva, visando à proteção à criança e ao adolescente;

38,8% a definem como o instrumento de controle da qualidade da programação e de defesa dos direitos humanos;

7,5% dizem que classificação indicativa é o mesmo que censura da programação televisiva.



Faixa etária

64,3% das respostas indicam que deveria ser acrescentada a faixa etária de 10 anos às hoje existentes (12, 14, 16 e 18).

	LIVRE	Programa adequado para todos os públicos.
	10 ANOS	Programa inadequado para menores de 10 anos. Contém: Tema.
	12 ANOS	Programa inadequado para menores de 12 anos. Contém: Tema.
	14 ANOS	Programa inadequado para menores de 14 anos. Contém: Tema.
	16 ANOS	Programa inadequado para menores de 16 anos. Contém: Tema.
	18 ANOS	Programa inadequado para menores de 18 anos. Contém: Tema.
	18 ANOS	Exemplo: Programa inadequado para menores de 18 anos. Contém: relação sexual e violência excessiva. Tema: Violência contra a mulher.



Representação



93,1% acham que a classificação indicativa veiculada na programação deve corresponder à figura ao lado.

Versão simplificada



82,1% preferem esta opção.

Um olhar transformador

A impressionante história de Camila, que mostra como o saber pode vencer o preconceito e o medo

TEXTO

LENY CORREA DATRINO E
MARIA ALICE OLIVEIRA DA
SILVA, DA SME/DGED

ILUSTRAÇÕES

ESCULTURAS DE
GUSTAVO CADAR
FOTOGRAFADAS POR
ALBERTO JACOB FILHO

Camila tinha 12 anos e já havia passado pelo processo de alfabetização em diferentes escolas e grupamentos. No meio do ano, foi transferida para uma nova escola e matriculada na turma de progressão.

Tive conhecimento do caso de Camila ao visitar sua escola e conversar com a professora da turma, que me pediu ajuda. Na conversa, a professora informou-me que desde os primeiros dias de aula percebia que a menina era diferente das outras crianças e não acompanhava o grupo. Sua participação nas atividades era insatisfatória. Era muito tímida, quase não se comunicava, e os colegas não queriam sentar-se perto dela, rejeitando-a. Por isso, a professora solicitou-me apoio, acreditando necessário encaminhá-la a um atendimento especial. Comentou ainda que, pelo que apurara de professores da escola anterior, Camila nada havia aprendido. A preocupação da professora era grande, pois sua turma estava caminhando bem e ela não sabia o que fazer para atender a uma aluna especial.

Quando entrei na sala de Camila, a professora indicou-me a aluna, falando da sua preocupação quanto ao tempo que a menina havia perdido em todos aqueles anos de escolaridade, passando por várias unidades escolares sem ter recebido o encaminhamento adequado, já que para ela parecia clara a necessidade de Camila ser indicada para a classe especial de retardo mental.

De família pobre, a menina ia à escola levando seus objetos pessoais em uma sacola plástica. Era a última de uma série de irmãos que, bem mais velhos, trabalhavam para o sustento da família e quase não podiam dar-lhe atenção. Ela vivia praticamente sozinha, pois não tinha mãe.

Camila tinha nas mãos uma toalha rasgada que servia para enxugar a baba que, constantemente, teimava em escorrer-lhe do canto da boca. Seus dentes, desordenados uns sobre os outros, pre-

judicavam-lhe muito a aparência. Ela parecia tentar fechar a boca, unir os maxilares, mas sem sucesso.

Olhei para Camila sentada ao fundo da sala, sozinha e sem proposta alguma de trabalho, enquanto os outros alunos já preenchiam a data no caderno e desenhavam a figura relativa ao tempo.

Camila não tinha caderno sobre a mesa. Sentei-me próximo a ela e pude sentir um cheiro desagradável, originado pelo acúmulo de baba que ficava em suas mãos e roupa. A menina pareceu se encolher ao meu olhar. Apresentei-me, dizendo que estava ali para conhecê-la. Camila me olhou parecendo não acreditar no que eu dizia. Deu um sorriso tímido e voltou a baixar a cabeça.

Iniciei uma conversa com a menina, perguntando-lhe seu nome, sua idade, do que gostava e outras coisas simples sobre o seu dia-a-dia. Camila respondia com muita dificuldade. Sua fala arrastada dificultava a compreensão do que tentava dizer. Parecia fazer um grande esforço para falar, emitindo um som quase inaudível. Tentava articular as palavras, para ser compreendida, mas com extremo sacrifício. Confesso que muita coisa dita por ela não consegui entender. Além da timidez, a criança parecia ter realmente uma grande dificuldade e medo de expressar-se oralmente.

Enquanto buscava uma melhor estratégia para me relacionar com Camila, a professora continuava seu trabalho na sala de aula. Sua proposta para os alunos era que escrevessem palavras que tivessem relação com a figura colada ao quadro. Perguntei a Camila se ela poderia fazê-lo. Ela balançou a cabeça negativamente.

Comecei então a nomear palavras que se relacionassem com a figura e, ao mesmo tempo, a dizer outras que não tivessem qualquer relação, pedindo à menina que, toda vez que eu dissesse algo que ela considerasse coerente com o desenho apostado ao quadro, ela levantasse a mão.

Sem necessidade de se expor falando, Camila realizou a atividade com sucesso.

Depois de um certo tempo, a professora pediu que os alunos, um de cada vez, dissessem as palavras que haviam escrito no caderno, para que todo o grupo as ouvisse e ela pudesse listá-las ao quadro.

Enquanto as crianças ditavam para a professora as suas palavras, pedi que Camila apontasse na folha onde escrevi todas as palavras ditas por mim anteriormente apenas as que se relacionavam com a figura.

Camila iniciou a leitura das palavras que escreveu. Às vezes, manifestava dificuldade ao ler parte delas. Eu a ajudava na leitura, quando isso ocorria e, ao final, ela indicou acertadamente todas as palavras que se relacionavam com o desenho, envolvendo-as com lápis-cera de cor vermelha.

Uma nova proposta foi feita pela professora para que a turma se dividisse em cinco grupos. Deveriam escolher, entre as palavras listadas no quadro, as quatro que preferissem e em seguida registrar no papel pardo uma história em que as quatro aparecessem.

Enquanto as crianças se organizavam, perguntei a Camila se ela também poderia escolher as palavras de sua preferência entre as já marcadas em vermelho. Mais uma vez ela apontou na folha as palavras que preferia e propus que as escrevesse em outra folha de papel, separando-as das demais. A princípio, Camila tornou a se encolher e a não querer fazê-lo. Eu a incentivei e, depois de um tempo e de algumas tentativas, ela decidiu fazer. Percebi sua grande dificuldade em escrever. Pegava o lápis preto e fazia muita força sobre o papel, quase a rasgá-

lo. Pude avaliar a sua dificuldade motora quando se esforçava para apor, com letra de imprensa maiúscula, cada palavra à folha em branco.

Pedi à professora uma fita crepe e envolvi o lápis com a fita, engrossando-o. Passei o lápis a Camila para que escrevesse com ele e pude perceber que a adaptação facilitou-lhe um pouco a escrita. Perguntei à professora da turma se tinha um jogo com letras móveis e ela me trouxe duas caixas fechadas. Ofereci as letras a Camila, pedindo que escrevesse outras palavras sobre a figura. Juntas, escrevemos várias palavras e pouca ajuda Camila pediu. Depois, começamos a pensar frases e a usar as letras móveis para registrá-las sobre a mesa.

Ao chegar perto da mesa, a professora, incrédula, achou que as frases haviam sido escritas por mim e não por Camila. Como a professora sairia para reger turma em outra escola, prometi que voltaria para, juntas, estudarmos o assunto.

Retornei à escola, no dia de centro de estudos. A direção, a coordenadora pedagógica e os professores estavam presentes. Conversamos com a professora sobre o processo desenvolvido com Camila, em dias anteriores, quando ela produziu frases com as letras móveis, leu e conversou. Ao constatar as possibilidades de Camila, a professora ficou muito entusiasmada, mas um pouco preocupada pelo fato de ela ser sozinha para atender a 27 alunos. Como ajudar a menina e abandonar os demais? Queria fazer algo, mas não sabia bem como agir sozinha. Comentei sobre como havia se enganado em relação à avaliação inicial que havia feito sobre a menina, deixando-se impressionar pela aparência dela e pelos comentários dos colegas de outras escolas.

Iniciamos, então, um estudo com toda a equipe da escola sobre o que fazer e como realizar um trabalho viável e que viesse a ser adequado às necessidades da aluna para que ela tivesse sucesso. ►



A partir dali, várias questões foram levantadas e discutimos sobre a necessidade de respostas educativas adequadas às necessidades educacionais dos alunos, sobre estratégias alternativas de trabalho e a importância das adaptações curriculares e da busca de caminhos para que todos os alunos aprendam.

Perguntei qual era o projeto político-pedagógico da escola. A diretora informou-me que era “Escola, espaço de construção da união e da paz”, uma vez que havia muita violência no entorno. Contou-me que a equipe da unidade havia proposto que toda a comunidade estivesse envolvida na promoção da paz local. Pensaram em um trabalho que priorizasse princípios e valores, tais como: solidariedade, fraternidade, colaboração, companheirismo etc. Concluímos que todas as ações da escola deveriam estar voltadas para essas questões e que a discussão deveria ser iniciada no interior de cada sala de aula.

Sugerimos que a professora verificasse na turma que alunos se destacavam em diferentes áreas. Ela apontou-nos, imediatamente, vários deles: Roberto na matemática, Lúcia na produção de textos, Carlos era excelente desenhista, José era ótimo ao contar histórias etc. Pensamos que eles poderiam revezar-se na ajuda a Camila. Por exemplo, atividades que necessitassem ser copiadas, poderiam ser feitas por um colega, usando um carbono por baixo, para que Camila escrevesse apenas as respostas, ou as desse oralmente diretamente à professora.

Refletimos sobre a necessidade de a menina ter companheiros na sala de aula. A professora concluiu que a partir daquela data só trabalharia em duplas ou em grupo, pois assim ela teria sempre um colega que a auxiliasse e para que a turma a “adotasse”.

Propus que a professora buscasse títulos de livros que contemplassem o tema do projeto da escola e que diariamente fosse estabelecido o momento da contação de histórias, chegando à discussão sobre a importância do acolhimento a todos, da colaboração, da inclusão do diferente, o que viria ajudar a turma a compreender melhor a dificuldade e as possibilidades de Camila.

A professora de sala de leitura lembrou que disponibilizara títulos para serem utilizados por todos os professores e que falavam sobre inclusão social, diversidade, preconceito etc. Disse ainda que o projeto de sala de leitura daquele ano tinha como meta refletir sobre o trabalho com as diferenças.

A professora da 4ª série, por sua vez, informou que estava desenvolvendo às sextas-feiras, no período que antecede ao recreio, o projeto Lendo Nossas Histórias Preferidas. Nesse dia, os alunos lêem histórias uns para os outros. Eles podem ler os livros da sala de leitura de sua preferência, ou podem trazer os próprios livros e histórias em quadrinhos. Disse que tem sido um sucesso e que ela precisa até fazer uma escala, pois quase todos querem ler para a turma. Após o recreio, há um debate sobre a história de que mais gostaram e o desenvolvimento de atividades que envolvem diferentes linguagens: cênica, plástica, musical etc. A professora terminou sua fala, perguntando à colega da progressão se ela queria que sua turma lesse para o grupo. Apontou também que poderia encaminhar semanalmente dois ou três alunos para ajudá-la na turma, servindo de monitores. Combinou de conversar depois com a professora da progressão para planejar como os alunos poderiam ser aproveitados nessa função. A professora agradeceu, dizendo da sua alegria em ter essa parceria no encaminhamento do trabalho com Camila e com a turma. Continuando, vários fatores foram levantados como possíveis causas de afastamento dos alunos da turma em relação à Camila e discutimos como poderíamos solucioná-los.

A diretora dispôs-se a providenciar mais dois uniformes e papel-toalha para a aluna enxugar a baba, dando-lhe condições de asseio na escola. A professora informou que a aluna quase sempre não tomava banho e que seria importante que estivesse limpa e cheirosa, pois isso influenciaria positivamente em sua autoimagem e qualidade de vida. Combinou-se, então, que a direção e a professora conversariam com o responsável procurando sondar quais as dificuldades que encontrava em relação a Camila: haveria banheiro ou água disponível em sua casa?



Ela sabia banhar-se? A família dispunha de material de higiene? Como era a relação de sua família com ela? Vimos que seria necessário orientar os familiares, para que pudessem buscar formas possíveis para atender a outras necessidades de Camila.

A professora da turma de 3ª série se propôs a planejar um momento na semana em que reuniria a turma com parte do grupo da progressão, o que lhe permitiria dar mais atenção a alunos que estavam com maior dificuldade, inclusive Camila. Outros professores mostraram interesse em fazer o mesmo, verificando que isto estaria beneficiando outros alunos também.

O professor de educação física lembrou que a aluna não participava das atividades em sua aula. Concluiu que iria precisar rever o seu planejamento e buscar estratégias para incluir a aluna no grupo.

Retornei à escola, posteriormente. Camila já sorria, estava mais integrada ao grupo. Sua fala ainda era difícil de entender, babava... porém, escreveu para mim:

“Eu tenho amigos. Eu estou feliz.”

A família estava mais próxima da escola e buscava ajudar no que era possível.

Professor/professora: fala-se muito em inclusão social, transformação da sociedade, trabalho com a diversidade e com a diferença. Recomenda-se que a escola seja inclusiva, que ofereça acesso, permanência e sucesso escolar...

O que estamos fazendo para que alunos, professores, escolas, espaços onde atuamos sejam bem sucedidos? Depende de mim, de você, de nós a realização de um trabalho eficiente.

Dificuldades existem, saídas também! Mas elas se tornam mais claras se pensadas, discutidas e adotadas de modo coletivo, envolvendo todo o grupo na solução das situações que enfrentamos diariamente. É importante nos vermos como parte integrante e atuante de um grupo.

Dificuldades são transformadas em desafios quando as enfrentamos de mãos dadas!

Que amplie as parcerias e nos empenhemos em ações favoráveis ao desenvolvimento de todos os alunos, ao sucesso de todos: alunos e professores! ■

O que é, o que é: quanto mais co

Criança brinca com boneca, bola, videogame, carrinho de controle remoto e até bichinhos virtuais, como os Tamagochis. Mas será possível brincar com a palavra? Poetas, repentistas, contadores de histórias acham que sim. Usar a palavra como algo lúdico, prazeroso, espontâneo não é reservado somente a autores, mas também a leitores, ouvintes, interlocutores, quando eles se apropriam de poesias, cantigas, adivinhas, parlendas e trava-línguas.

O escritor José Paulo Paes publicou inúmeros livros para crianças em que usa a poesia para divertir e também traduzir o universo infantil. Ele inclui a rima e o jogo de palavras para seduzir os leitores e considera isso uma grande brincadeira. Em seu poema intitulado



Quando ela se brinca, mais nova fica?

Convite, a sugestão fica clara: “Poesia, é brincar com palavras, como se brinca com bola, papagaio, pião. Só que bola, papagaio, pião, de tanto brincar, se gastam. As palavras não: quanto mais se brinca com elas, mais novas ficam...”.

Mas existe diferença entre a palavra dirigida à criança e ao adulto? O que interessa a um também é capaz de despertar o interesse do outro?

Muitas vezes, sim. A tradição oral presente nas manifestações populares brasileiras é capaz de perpetuar histórias, “causos” e lendas por várias gerações e trabalhar o imaginário de todas as faixas de idade.

É freqüente pensarmos a literatura com textos segmentados para crianças, adolescentes e adultos. Essa diferenciação nasceu com o surgimento do sentimento de infância na sociedade ocidental. Na Idade Média, todos compartilhavam os mesmos espaços. Não se manifestava uma preocupação com as crianças nem se evitava tratar de determinados assuntos ou usar determinadas palavras na frente delas. Resumindo, não havia segredo para os pequeninos nem existia o conceito de conversa de criança ou conversa de adulto.

A diferenciação por faixa etária é abordada pela professora Flávia Brocchetto Ramos, da Universidade de Caxias do Sul, no artigo *A brincadeira na poesia infantil*¹. Segundo ela, a literatura passou a ter caráter educativo para formar os pequeninos e, por isso, consolidaram-se as fábulas, cuja função era essencialmente revelar uma lição de moral. Além delas, havia os textos que orientavam o leitor mirim sobre modos de se comportar e de se relacionar com os mais velhos. Mais tarde surgiram escritos que tinham como proposta ensinar hábitos de alimentação e de higiene. Tudo o que era direcionado à criança tinha como finalidade a sua formação de caráter e de personalidade. ▶

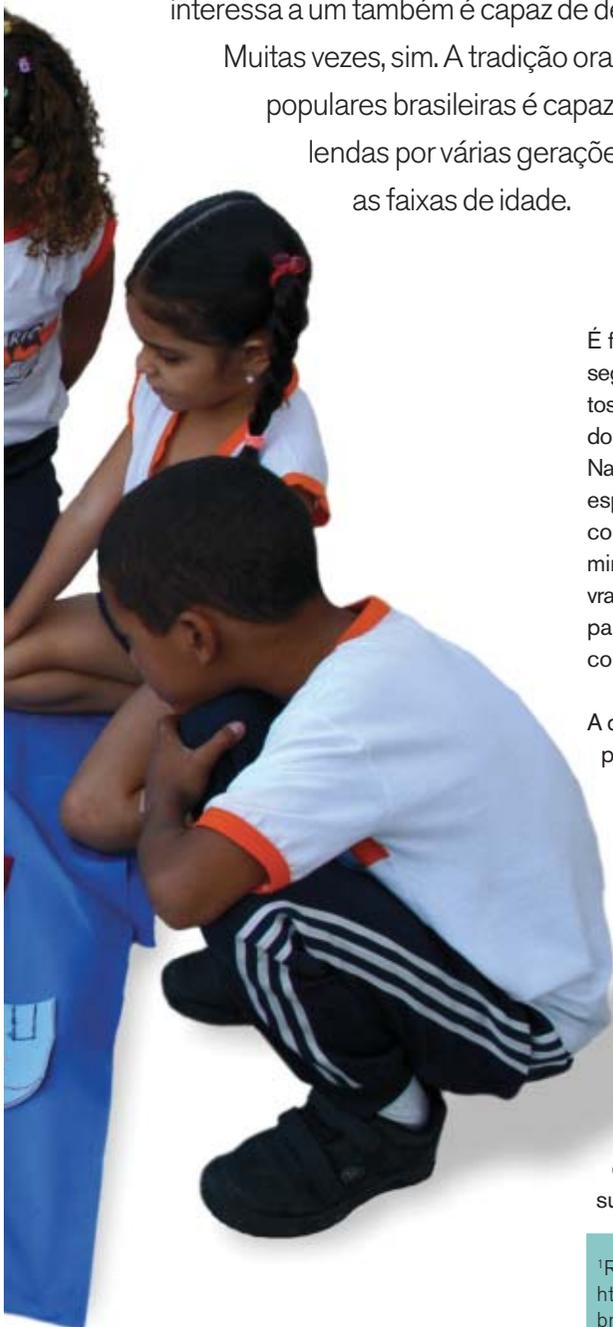
TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

¹RAMOS, Flávia Brochedo. Disponível no site <http://www.ucm.es/info/especulo/numero29/brincade.html>





Edmilson Santini integra o grupo Teatro em Cordel e é também autor de livros desta mesma arte

Nesse contexto, várias histórias se modificaram e se perpetuaram com variações. Muitas delas foram adocicadas para ser apresentadas às crianças, como é o caso de *Chapeuzinho Vermelho*, coletada entre camponeses e adaptada primeiro por Perrault e depois pelos irmãos Grimm. A história da Branca de Neve também recebeu adaptação dos Grimm e veio sendo *suavizada* até chegar ao estilo Disney, conhecido hoje por todos.

Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, nem sempre foi a história de uma menina que salvou a avó, com a ajuda do caçador, da boca do Lobo Mau. Aliás, nem caçador havia nas primeiras versões. O ator e coordenador do grupo Tapetes Contadores de Histórias, Warley Goulart, diz que já ouviu algo muito mais cru, como a história do lobo que entra na casa da avó e a corta em pedaços e deposita o seu sangue em uma jarra. Quando chega à casa, a Chapeuzinho come e bebe os restos mortais da avó, sem saber, e por isso é amaldiçoada. “O lobo nem mau era. Era apenas a representação de algo que pode engolir a gente”, explica.

Em algumas versões a Branca de Neve não recebe uma maçã envenenada da madrasta como sempre ouvimos falar. O presente dado a ela é um espartilho, o símbolo máximo da correção feminina. O objeto que modelava o corpo da mulher é usado contra ela. A madrasta veste o espartilho em Branca de Neve e o aperta tanto que a moça perde o ar e desmaia. “As diversas simbologias vão sendo modificadas com a idealização da criança. Começaram por deixá-la fora do mundo real e passaram a apresentar um mundo higienizado, lindo, perfeito”, critica Warley.

As fábulas também tiveram vez por contar histórias de animais da nossa fauna, trazendo sempre uma lição de moral embutida. Quantas crianças não ouviram na infância a história *A festa no céu*? Durante uma fase da vida esse tipo de narrativa é bastante ilustrativa e instigante. A garotada gosta e sente necessidade de achar graça quando escuta ou lê algo. Para os pequeninos, é gostoso repetir versos pelo prazer de ouvir a melodia.

De acordo com Flávia Ramos, as quadras populares preenchem bem este espaço, ainda mais quando contêm palavras proibidas pelos adultos, mas apreciadas pelo público infantil como: “Tico-tico foi à venda/Mas não tinha o que comprar/ Comprou uma cadeirinha/Mas cadê bunda para sentar?”. Isso é capaz de despertar uma gargalhada em meninos e meninas em idade escolar.

Poesia com humor – O poeta Mano Melo, habituado a recitais de poesia, concorda que é preciso usar o humor para entreter uma criança. E a forma ideal de conquistá-la é usar palavras engraçadas e fazer troça. “Em algumas apresentações lembro que eles gostavam muito quando eu dizia o poema de Celso Gutfreind²: ‘a obra é filha da obra. Não case com a filha antes de ver a cara da sogra’”, recorda o poeta. Entretanto, o divertido dessa atividade não está somente em escutar um verso, mas também em ter a oportunidade de exercer sua criatividade, interagir, aproveitar a emoção latente. “É importante abrir um espaço para que a garotada também faça poesia. Quase todo mundo tem alguma coisa que guarda na gaveta, que não mostrou para ninguém”, afirma Melo.

² Celso Gutfreind nasceu em Porto Alegre, em 1963. Já publicou 17 obras, entre poesias, livros infantis e ensaios. Foi contemplado com o Prêmio Nacional de Poesia Mário Quintana (1985) e os prêmios Açorianos e Henrique Bertaso para melhor livro de poemas publicado no Rio Grande do Sul em 1993.

³ No Rio de Janeiro, a literatura de cordel e o repente podem ser encontrados no Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga, em São Cristóvão. Inaugurado pela Prefeitura do Rio em setembro de 2003, o espaço, que já foi conhecido como Pavilhão de São Cristóvão, hoje é uma imensa feira popular em que se podem conhecer as músicas, as danças, o artesanato e a culinária típicos do Nordeste brasileiro.

⁴ OLIVEIRA, Maria José. *Bendito sejam – uma nova maneira de perceber a literatura de cordel*. Disponível no site http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP17_oliveira.pdf

José Paulo Paes usa outros artifícios para mexer com o imaginário infantil. Seus poemas muitas vezes sugerem uma série de imagens, aparentemente ilógicas, que suscitam humor ao serem visualizadas pelo leitor, levando ao riso e à constatação de paradoxos. Isso pode ser observado no trecho do poema denominado *Pura verdade*: “Vi um pé de vento/calçar as botinas/ e o seu cavalo-motor/sacudir as crinas”.

As cantigas são bem capazes de traduzir o espírito lúdico da palavra. A repetição dos fonemas facilita decorá-las com mais rapidez como: “ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar”. Aqui, a criança canta alto em coro com outras crianças e faz um movimento típico da brincadeira de roda. A melodia é fator determinante para atrair a atenção de quem está envolvido na atividade.

Cantorias e rimas – Outra manifestação interessante da palavra é o cordel, que pode ser apreciado em livretos ou em forma de repente, quando o cantador, acompanhado de um violão, usa de toda a imaginação para aproveitar palavras que rimem entre si. Em sua obra *Sistemas de comunicação popular*, o professor Joseph Luyten acrescenta às formas de apresentação oral e escrita as formas gestual e plástica. Nesse bojo, ele inclui além do cordel, as anedotas, as cantorias, os provérbios, o bumba-meu-boi e outros.

Expressão da literatura popular, bastante conhecido no Nordeste brasileiro, o cordel tem origem lusitana e veio para o Brasil nos idos de 1830. Na Europa, os temas abordados incluíam até contos medievais como *A princesa Malagona* e *A donzela Theodora*. Aos poucos, os poetas populares brasileiros foram dando um caráter regional a essa literatura e inculcando valores da nossa cultura. Figuras que aparecem com frequência nesses textos são Padre Cícero e Lampião.

Não é raro em cidades do Nordeste³ alguém se deparar com um repentista, a dedilhar uma viola, que lhe pede para que diga o nome ou uma palavra que lhe venha à cabeça. Ele as inclui em um texto criado na hora. “A poesia de cordel diverte o cantador e a platéia. É um universo fascinante. A gente tem a experiência de que a rima puxa a graça. Fazemos jogos de palavras e brincamos até com trava-línguas”, conta o ator e autor de livros de cordel Edmilson Santini, integrante do grupo Teatro em Cordel.

Na avaliação de Santini, tanto a literatura que seduz quem lê quanto a poesia oral são espontâneos, nascem do prazer deste jogo de rimar palavras. Mas o encantamento de mexer com o imaginário do povo não é trazido apenas pela melodia ou pela rima, mas por incluir em sua temática situações do cotidiano e o sentimento dos próprios nordestinos. O cordel é de certa forma mais apreciado pelos adultos.

Em seu trabalho *Bendito sejam – uma nova maneira de perceber a literatura de cordel*⁴, a mestre em comunicação social Maria José Oliveira ressalta que o cordel pode tratar de heróis, da religiosidade, do misticismo, da vida campestre, mas também de política, do cangaço, de crimes. Segundo ela, o leitor busca nos versos a própria verdade. “Ele procura a sua identificação, reproduzindo-a de acordo com a sua realidade. O poeta, por sua vez, estabelece um elo entre o real e o imaginário. Isto se dá através de alguns poemas inspirados em notícias, advindas de outros meios, como é o caso dos jornais, do rádio e da televisão”, enfatiza no texto. ▶



Warley Goulart e Carlos Eduardo Cinelli usam belos tapetes de pano para contar suas histórias

SAIBA MAIS

Em *NÓS DA ESCOLA* nº 20, a matéria de capa fala de *Texto e ilustração: o papel da imagem nos livros*. Já a revista nº 23 publica entrevista com a educadora Maria Tereza Freitas sobre a leitura e a escrita de adolescentes em *sites, blogs, e-mails* e lista de discussões na internet. É possível conferir a matéria *A literatura na escola* na revista nº 26. O *Giramundo* da revista nº 8 fala do cordel.

Lendas e “causos” – Neste universo fantástico do interior, podem-se incluir as lendas e “causos” que são fascinantes para adultos e crianças. Não é raro ver uma pessoa de mais idade rodeada de seus familiares e da vizinhança enquanto conta uma história, que provavelmente veio de seus antepassados e é perpetuada por várias gerações. A população que vive às margens do Rio São Francisco já nasceu ouvindo falar da Mãe D’água, uma espécie de sereia ou monstro que vem das profundezas do rio e assombra quem mora na região e encanta os pescadores que passam muito tempo sozinhos.

Ali a oralidade é o meio forte de propagar a palavra, já que freqüentemente a população dessas regiões é analfabeta ou pouco usa a escrita para se comunicar. Para Warley Goulart, esse é um tipo de entretenimento que está a serviço de uma identidade ou mesmo de uma forma de educar os mais novos. Segundo ele, acontece até dentro dos lares, quando avó e mãe estão cozinhando e as crianças em volta da mesa, à espera da refeição, ouvem histórias familiares reproduzidas para cada novo membro daquele núcleo. É algo que reúne, dá prazer e é acima de tudo uma demonstração de afeto.

Nos grandes centros urbanos, com a correria do dia-a-dia, muitas vezes os pais se limitam a

deixar os filhos em frente à TV ou mesmo a comprar brinquedos modernos sem se dar conta de que outras opções de entretenimento podem ser mais educativas e podem consolidar a relação entre eles. Contar histórias pode ser essa forma eficaz de aproximação.

Apesar de a palavra escrita estar mais presente nos jornais, revistas, *sites* da Internet, *outdoors*, muros ou quadros-negros, o discurso oral ganha ressignificação entre crianças e adolescentes e também é passado de geração a geração. Não é difícil esquecer do bicho-papão que nos ameaçava nas noites escuras ou, ainda, tremer de medo ao lembrar da figura da loura de branco, que assombrava pessoas em banheiros públicos. Sem falar do velho do saco que roubava crianças, um artifício bastante duvidoso usado por pais para exigir obediência dos filhos. Essas lendas urbanas estão no nosso imaginário e divertem quem as conta mas assustam quem as ouve.

Mestre em educação e contadora de histórias do grupo Morandubeté, Lúcia Hidalgo acredita que a palavra deve ser compartilhada de uma forma mais profunda, principalmente dentro do ambiente familiar. “As pessoas querem falar muito, mas escutam pouco. O momento de sentar e ouvir histórias nos afeta, mexe conosco. Ele passa a interferir na nossa vida. A palavra é algo fácil,

acessível a todos. Mas as pessoas estão preocupadas com outras tarefas do dia-a-dia e não se comunicam”, ressalta Lúcia.

Tradição oral – Na verdade, pais e avós que contam histórias que decoraram ou lêem para as crianças na hora de dormir estão remontando à tradição de nossos antepassados, prática adotada por chefes de tribos e por escravos de nossos engenhos, que costumavam ser respeitados por esse poder de transmitir a palavra e não deixar morrer sua cultura milenar.

Se em casa a brincadeira de narrar tem sido cada vez mais rara, ela se difundiu nas ruas por diversos grupos de contadores de histórias que se apresentam em bibliotecas, centros culturais e escolas. Muitos usam como único instrumento o livro. É da leitura que extraem o texto apreciado pelo público. Outros utilizam recursos teatrais, instrumentos musicais e até objetos para tornar a atividade mais atrativa para a garotada.

A implantação gradativa de políticas de incentivo à leitura no Brasil, a partir dos anos 1980, foi a responsável pelo surgimento e multiplicação desses grupos de contadores de história contemporâneos. Adriano Lopes Gomes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁵, trata como lúdico o ato de contar histórias e não só o de ouvi-las. Vê a atividade como uma via de mão dupla em que “os ouvintes, ao se candidatarem à audição da história, firmam um acordo com o ficcional, acatam as regras da atividade lúdica que será mediada pelo contador. Esse, por sua vez, também vai empreender com a platéia o desafio de interação e interlocução, transferindo os ouvintes para o mundo da ficção”.

Segundo Lúcia Hidalgo, a oralidade iguala a literatura a outras artes porque no teatro ou no cinema não é preciso ler para interpretar o que se vê. Assim como escutar música ou apreciar uma pintura. Na contação de histórias as informações são transmitidas pela voz.

⁵GOMES, Adriano Lopes. *O contador de histórias na perspectiva da formação do leitor: um estudo de caso*. Disponível no site <http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np04/NP4GOMES.pdf>

O ato de contar histórias pode ser prazeroso para o interlocutor e para o ouvinte, porque cada um entende uma mesma narrativa de formas variadas. Mas Lúcia acha que o olhar de um pode interferir de uma maneira positiva na percepção do outro. Isso acontece quando o contador tem cuidado com o texto, embarca nele, facilita a compreensão, usa de emoção para transmitir a mensagem.

Muitas histórias – O grupo Morandubeté está na estrada há 16 anos e é um dos precursores da contação de histórias. Com o nome originado do tupi, que significa “muitas histórias”, esse grupo de quatro integrantes viaja pelo país fazendo espetáculos. O primeiro trabalho tornou-se inesquecível para Benita Prieto, uma das contadoras, por terem se apresentado para funcionários da limpeza da Biblioteca Nacional. O objetivo era mostrar a importância do acervo bibliográfico e ensinar aos funcionários a se relacionar com ele. ▶

Para crianças e jovens

O público interessado em leitura de qualidade pode visitar o 8º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, uma feira feita somente com publicações dedicadas à criança e ao adolescente. O evento, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), será realizado de 23 de agosto a 3 de setembro, no Museu de Arte Moderna (MAM).

A feira contará com cerca de 60 estandes de editoras e terá um espaço para lançamento de livros e encontros com autores. A Secretaria Municipal de Educação (SME) e a MULTIRIO participam do evento. Também a biblioteca FNLIJ/Petrobras, estará aberta à visitação do público. As escolas poderão fazer visitas orientadas ao evento. Inscrições serão aceitas para todos os dias da feira ou para cada data em separado.

Como nos anos anteriores, será realizado de 28 a 30 de agosto no espaço da feira o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil. O objetivo é refletir sobre a formação do leitor, as múltiplas abordagens da literatura direcionada a crianças e jovens, incluindo ilustração, literatura indígena e textos teatrais.

Estarão presentes escritores e ilustradores. A programação terá como eixo principal a formação do leitor e será dividida nos seguintes blocos: ilustração, encontro de autores indígenas, texto para teatro e leitura dramatizada.

O país homenageado este ano no Salão é a Alemanha, com exposição de ilustrações e livros alemães. Já foram homenageados em anos anteriores a França, em 2001 e Cuba, em 2002.

Esse tipo de prática não vem modificando apenas os envolvidos diretamente com ela, mas todo o ambiente em que ela se dá. Contar histórias quebra a formalidade de bibliotecas, livrarias, museus e escolas, por exemplo. Leva a esses espaços momentos de lazer que tampouco deixam de ser educativos.

Outra técnica de narrativa oral é a adotada pelo grupo Tapetes Contadores de Histórias. Eles não só decoram o texto, como o Morandubetá, mas usam tapetes, malas, aventais e caixas de pano confeccionados especialmente para auxiliar na contação de histórias. A partir de textos de autores como Ana Maria Machado e Carlos Drummond de Andrade, o grupo, formado por seis integrantes, monta o espetáculo. Ao final, o livro de onde tiraram as histórias é apresentado ao público, geralmente, infantil.

No entendimento de Carlos Eduardo Cinelli, outro coordenador do Tapetes Contadores, muitas crianças ficam surpresas ao descobrir alguns autores que muitas vezes são considerados inalcançáveis. Para ele, aí está implícito o aspecto lúdico da atividade. “Quando você está contando é como se estivesse confidenciando um segredo. Aí é muito legal porque as crianças se surpreendem ao descobrir que o que ouviram é Carlos Drummond de Andrade”, explica Cinelli.

Ao acreditar que o livro por si só é capaz de entreter, provocar, instigar, a presidente da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Elizabeth Serra, questiona o uso de artifícios para contar histórias. “Hoje, para ser contador, é preciso decorar. Então há necessidade de treinar antes e com isso se perde a

A imagem da arte literária processada pelo xadrez

MARILLIA RAEDER AUAR OLIVEIRA*

Muito já se falou a respeito da importância da iniciação da leitura de textos literários por crianças e jovens. O que se pretende brevemente neste artigo é tornar menos pálida a relação entre a literatura e o jogo de xadrez, e os benefícios da integração dessas duas artes na formação de crianças e adolescentes, bem como atentar para a significativa importância do Rei dos Jogos não como um mero jogo, mas como ferramenta interdisciplinar, que mantém fortes relações com a cultura e suas diversas manifestações – interessando-nos, por ora, a literatura.

Em diversos países, principalmente os do antigo continente, o xadrez é uma disciplina que está incluída no currículo escolar, e é ensinado não isoladamente, mas em conjunção com outras disciplinas, inclusive a literatura. No Brasil, há pouquíssimo tempo, tem-se divulgado o ensino do xadrez e sua eficaz aplicação pedagógica interdisciplinar.

A criança, ao tomar contato com o texto literário, e ao receber e processar seus significados, não através dos signos, mas de imagens por eles despertadas, tem ativada a sua imaginação e a sua criatividade, elaborando fantasias, fazendo associações entre o mundo mágico da ficcionalidade e a sua própria realidade referencial, tudo isso proporcionado pela pluralidade de sentidos do texto literário. Isso acontece quando o leitor se sente impelido a sair das referências de

sua realidade apenas e mergulhar na própria auto-referencialidade da obra ficcional, operando tal conjugação.

Cada criança ou adolescente pode ter diferenciados tipos de experiência estética a respeito de um mesmo texto. Isso pode depender de diversos fatores, tais como sexo, idade, classe social, experiências pessoais etc. Fica claro, porém, que, se o universo ficcional não fosse tão rico de significados imagísticos, tamanha multiplicidade de leituras não seria possível.

O mesmo fenômeno de pluralidade de leituras ocorre diante de um tabuleiro de xadrez. Em determinadas posições, levando em consideração também alguns fatores, como estilo e personalidade do jogador, conhecimento enxadrístico, sua experiência e sua capacidade de recepção estética, teremos avaliações diferenciadas de uma mesma posição, ou seja, diferentes leituras.

Outro paralelo a ser traçado entre a literatura e o xadrez é a capacidade que tem o jogador de prever lances futuros seus e de seu adversário, que não estão dispostos no tabuleiro. O leitor, por sua vez, diante de um texto literário, através do que Wolfgang Iser chama *ideação*, forma imagens mentais proporcionadas pela ausência ou não-existência do objeto. Em contrapartida, o leitor também formula hipóteses acerca das possibilidades de combinação entre

espontaneidade. Outros usam adereços, fantasias, som. Na minha opinião, com isso você enfraquece a potencialidade de um texto na sua capacidade de cativar as pessoas”.

No entendimento da presidente da FNLIJ, todos podemos abrir um livro e ler para os outros. Se os pais fizerem isso, com certeza, irão transmitir aos meninos e às meninas o gosto pela leitura. “Quando a criança tem um adulto do lado, que vê isso com prazer, ela se envolve de uma maneira lúdica, ela troca, acaba se interessando. E é capaz de pedir para que o pai ou a mãe leia aquela história inúmeras vezes”, afirma Elizabeth.

Obrigação x prazer – A palavra é capaz de reunir pessoas, de possibilitar o intercâmbio de experiências e também de ser um instrumento

lúdico entre crianças e adultos. Independentemente da técnica e do mecanismo utilizado, o professor assume o desafio de tornar a leitura de um livro ou a apresentação oral um trabalho agradável, prazeroso e que possa além de agregar conhecimento se tornar também lúdico, espontâneo.

Elizabeth Serra acredita que a cultura de ler no meio familiar deve ser adotada desde que a criança nasce e, ao chegar ao colégio, deve ter um incentivo dos professores para que a atividade seja comum no seu dia-a-dia. Um dos passos seria tornar a biblioteca um espaço atrativo, de livre acesso dos alunos. “A biblioteca deve ser o lugar de prazer na escola, para onde todos os membros dessa comunidade devem recorrer o dia todo e durante os fins de semana”, almeja a presidente da FNLIJ. ■

as diversas perspectivas textuais – narrador, enredo, personagens e leitor fictício –, cujas projeções finais serão retificadas ou ratificadas durante o ato da leitura.

Por ser o xadrez um jogo em que o praticante necessita constantemente realizar exercícios de análise de posições, raciocínio, julgamento e síntese de todas as análises feitos para decidir qual a melhor, sua prática é uma grande atividade de exercício mental, permitindo o desenvolvimento de fatores essenciais ao domínio cognitivo, como raciocínio lógico, concentração, capacidade criativa, memória e associação de idéias, tal como ocorre com indivíduos habituados à leitura. Por tudo o que foi exposto, o xadrez tem sido praticado cada vez mais por crianças e adolescentes, dentro da própria escola.

Parece consenso que os contos de fadas pertençam ao gênero literário mais rico do imaginário popular, o que é extremamente enriquecedor, pois ensinam as crianças a respeito de seus problemas interiores, ou seja, a fantasia presente ajuda a formar a personalidade e por isso se torna fundamental na educação, segundo o psicólogo austríaco Bruno Bettelheim.

Em contrapartida, quando a criança vivencia a violência através do texto literário, ela elabora internamente o sentimento de ameaça, o que a ajuda a enfrentar o fenômeno intrínseco à

sua realidade pragmática. A criança, diante do que está lendo ou ouvindo, revive seus próprios conflitos, e, às vezes, precisa ler ou ouvir várias vezes a mesma história para resolver e entender dentro dela a mesma parte da história, pois cada etapa de sua vida corresponde a um determinado desenvolvimento emocional, que se liga, por conseguinte, a cada tipo de história que ela gosta mais ou menos de ouvir. Os contos de fadas, porém, não ficam restritos às crianças, contribuindo, na adolescência, para a formação de alunos leitores e críticos.

O envolvimento com o texto literário é, portanto, semelhante ao comprometimento com uma partida de xadrez: nós damos importância e um significado especial e único a cada texto e a cada partida, porque, na realidade, nenhum texto tem valor isoladamente. Tampouco uma partida de xadrez.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. *Teoria do efeito estético*. Niterói, EdUff, 2003.

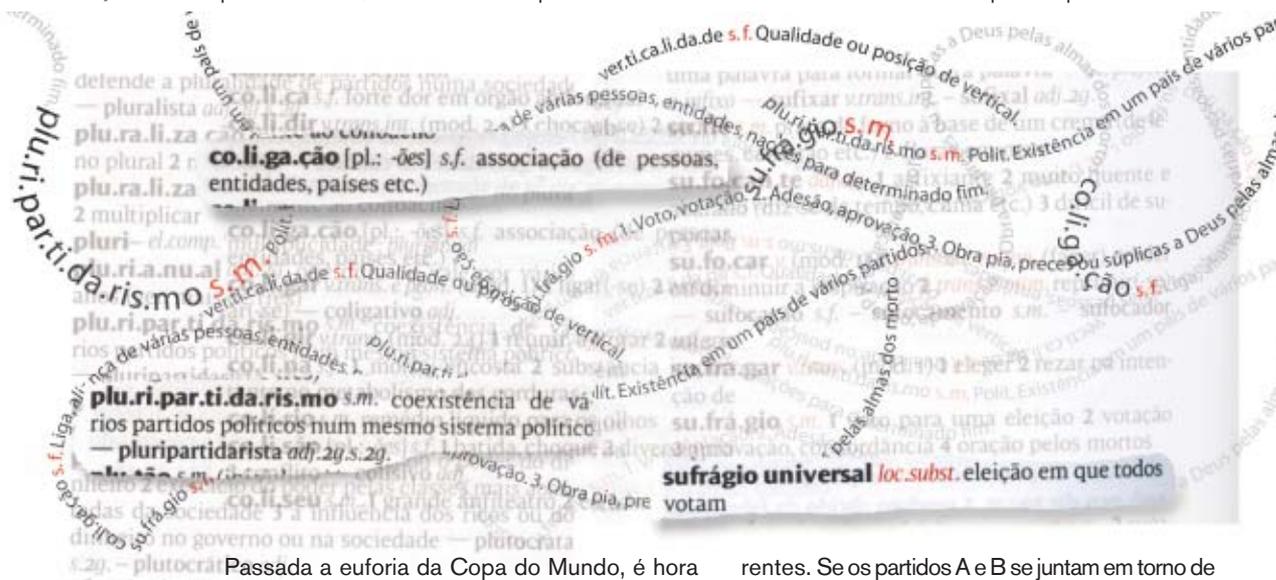
Escola: a revista do professor. São Paulo, Editora Abril, n. 185, set. 2005.

SANTOS, Marcos Antonio dos. *Projeto Xadrez nas escolas*. Apoiado pela Fundação Municipal de Educação de Niterói.

* Professora de xadrez na Associação Educacional Miraflores, em Niterói. Graduada em letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj).

Glossário para a hora do voto

Com as eleições se aproximando, é bom estar por dentro dos termos mais usados pelos políticos



Passada a euforia da Copa do Mundo, é hora de pensar na eleição de nossos governantes. Neste ano, os brasileiros vão às urnas para escolher o presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Por isso, é preciso entender um pouco mais os termos e as expressões usados pelos políticos e que dizem respeito ao nosso maior instrumento democrático: o voto.

Sufrágio universal: A nossa eleição é por sufrágio universal, isto é, a Constituição Federal e o Código Eleitoral determinam que no país se aplica o voto direto e secreto, com valor igual para todos.

Pluripartidarismo: Uma das condições básicas da prática democrática, que está prevista no artigo 17 da Constituição Federal. No Brasil, atualmente, existem 26 legendas partidárias.

Coligações: Nem todos os partidos têm candidatos para todos os cargos. Muitas vezes, eles fazem coligações, ou seja, duas ou mais siglas se juntam em torno do candidato de um partido.

Verticalização: Trata-se de uma norma do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), segundo a qual os partidos não podem fazer, nos estados, coligação diferente da realizada em nível federal. Podem deixar de fazer alianças nos estados, mas não fazer alianças dife-

rentes. Se os partidos A e B se juntam em torno de um mesmo candidato à presidência e C e D fazem o mesmo, não é permitido que haja uma coligação A-C e B-D para governador. O fundamento da decisão está na interpretação do dispositivo da Constituição Federal segundo o qual os partidos, apesar de sua autonomia, têm um caráter nacional. O termo verticalização se deve ao fato de que a instrução do TSE verticaliza a deliberação dos partidos do órgão nacional para os estaduais.

Cláusula de barreira: O dispositivo determina que tem direito parlamentar, em todas as Casas do Legislativo para as quais tenha elegido representante, o partido que, na eleição para a Câmara dos Deputados, obtenha no mínimo 5% dos votos apurados, distribuídos em pelo menos 1/3 dos estados, com um mínimo de 2% do total de cada um deles. Por funcionamento parlamentar entende-se o conjunto de regras que define a atuação dos partidos na Casa, com direito a liderança e a participação nas comissões. Alguns partidos menores são contra essa exigência em nome de sua sobrevivência. Por isso, defendem fusões que funcionariam para efeitos eleitorais como federações. Dessa forma, as alianças contabilizariam conjuntamente os votos para atender à cláusula de barreira. Essas legendas teriam uma atuação conjunta no Congresso, mas manteriam independência político-administrativa. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÃO

CLÁUDIO GIL

Atentado contra a inocência

Casos de abuso sexual infantil ocorrem em sua maioria em família e são mantidos em silêncio

A família é o primeiro esteio de toda criança. Em casa, ela deve encontrar proteção, amparo e orientação para crescer e se desenvolver com dignidade e o total aproveitamento de suas potencialidades. Muitas vezes, no entanto, o ambiente familiar se transforma em ameaça. É o que mostram as estatísticas sobre abuso sexual contra crianças e adolescentes. Dos casos registrados pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) entre 2000 e 2003, 54,55% aconteceram no ambiente familiar. Em 42,31% deles, o pai era o abusador. Uma triste realidade, cujo enfrentamento exige a atenção e o empenho de todos, sobretudo em função do muro de silêncio que cerca as vítimas e suas famílias.

Na definição do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), o abuso sexual é “a utilização do corpo de uma criança ou adolescente para a satisfação sexual de um adulto, com ou sem o uso de violência física. Desnudar, tocar, acariciar as partes íntimas, levar a criança a assistir ou participar de práticas sexuais de qualquer natureza constituem crime”. O fato de o abusador estar dentro de casa confunde e intimida a criança. De uma hora para outra, ela vê alguém de quem gosta e em quem confia se transformar no agente de situações que provocam desconforto, constrangimento, dúvidas e, embora ela sequer imagine, deixam seqüelas para toda a vida.

Um dos maiores empecilhos ao enfrentamento deste problema é o silêncio em torno dos casos de abuso. O segredo começa pela própria criança. Vítima das ameaças do abusador, ela sente medo, vergonha e até culpa. Sem entender direito o que está acontecendo, mantém-se calada e acaba gerando as condições ideais para a perpetuação do abuso. Quando consegue contar o que se passa, pode enfrentar a incredulidade dos demais membros da família ou, ainda, sua completa incapacidade de reagir ao problema. “Muitas vezes o agressor é o provedor. Há relação afetiva e financeira envolvida, o que difi-

culta a reação de crianças e mães”, explica a psicóloga Valéria Brahim, especialista em violência doméstica contra crianças e adolescentes e membro da ONG Terra dos Homens. Mesmo se o problema chegar a ser descoberto, a denúncia nem sempre é o caminho natural. “Em geral, as famílias em que o abuso é revelado começam a ter menos contato com a comunidade. As janelas são fechadas, o convívio se restringe”.

O papel da escola – Diante do silêncio, o reconhecimento dos sinais de abuso é, em geral, o único caminho para a denúncia. Neste sentido, o professor tem um papel essencial, como ressalta Luciana Phebo, assistente de promoção de saúde da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). “Como ele convive diariamente com a criança, é o único profissional que tem reais condições de perceber o que está acontecendo. A criança vai à escola todos os dias. Se contarmos só com as instituições de saúde, é preciso que a criança vá até ela, o que nem sempre acontece. Além disso, nos casos em que não há violência física, uma simples consulta nem sempre é suficiente para detectar o abuso”, explica Luciana.

As mudanças no comportamento da criança são inúmeras, e podem ser percebidas por professores atentos. Os sinais incluem queda no rendimento escolar, erotização além ou aquém do normal de cada faixa etária, isolamento, recusa a participar de atividades esportivas, rebeldia, baixa auto-estima, dificuldade de confiar em adultos e agressividade excessiva. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) obriga os dirigentes dos estabelecimentos de ensino e de saúde a denunciar qualquer suspeita de maus-tratos, sejam eles físicos, psicológicos ou sexuais. As denúncias devem ser feitas pelo telefone 100, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, ou aos conselhos tutelares municipais.

Mas a escola pode e deve ir além do reconhecimento dos casos de abuso sexual. É esta a opinião de Luciana Phebo, para quem os ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

ILUSTRAÇÃO

GUSTAVO CADAR

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

professores podem ser grandes aliados nesta luta. “Cabe ao professor fortalecer a criança, trabalhar o Estatuto da Criança e do Adolescente, mostrar que ela é sujeito de direitos, que pode e deve falar sobre tudo o que a estiver incomodando ou intimidando”, explica a psicóloga. A possibilidade de abordar o assunto independe da faixa etária, porque não é preciso falar diretamente sobre abusos sexuais para trabalhar em sua prevenção. “O importante é abordar o contexto de direitos”, esclarece Luciana.

Acolhimento e recuperação – Constatado o abuso, é hora de agir para assegurar que ele cesse e que a criança e o abusador recebam o tratamento adequado. Centros municipais sociais e de saúde e conselhos tutelares atendem às vítimas de abuso. A Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) tem dois centros

A quem recorrer

Os casos confirmados ou suspeitos de abuso sexual contra crianças e adolescentes devem ser denunciados. O telefone 100, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, recebe denúncias. Pode-se recorrer ainda aos conselhos tutelares, listados abaixo:

- **Centro** – Rua do Acre, 42, sobrado, Centro.
Tel: 2223-0117/2233-3166/9719-3705/9607-5782
- **Zona Sul** – Rua Moura Brasil, 20, Laranjeiras.
Tel: 2551-5143/9232-9378/9634-8190
- **Vila Isabel** – Rua Desembargador Izidro, 48, Tijuca.
Tel: 2238-4476/9719-5413/9634-8214
- **Méier** – Rua Dr. Leal, 706, Engenho de Dentro.
Tel: 2595-3963/9645-6486
- **Ramos** – Rua Professor Lacê, 57, Ramos.
Tel: 2290-4762/9718-4533/9873-8244
- **Madureira** – Rua Capitão Aliatar Martins, 211, Irajá.
Tel: 3390-6420/9993-2640/9874-7673
- **Jacarepaguá** – Estrada Rodrigues Caldas, 3.400, prédio da administração, Colônia Juliano Moreira, Jacarepaguá.
Tel: 2446-6508/9968-1893
- **Bangu** – Rua Oliveira Braga, 211, Realengo.
Tel: 3332-3744/9969-9079
- **Campo Grande** – Rua Coxilha, s/nº, XVIII RA, Campo Grande.
Tel: 2413-3125
- **Santa Cruz** – Rua Lages de Moura, 58, Santa Cruz.
Tel: 3395-0988/9719-3432/9641-9689

especializados no combate ao abuso e à exploração sexual infantil: o Centro Municipal Leila Diniz e o Cemasi Padre Guilherme Decaminada. Os dois atuam em conjunto com os conselhos tutelares e o Ministério Público, investigando os casos suspeitos e oferecendo acompanhamento psicológico e social.

Quando há necessidade de afastamento da família, as crianças são encaminhadas a centros de acolhimento. “A ida para abrigos é o último recurso. Sempre procuramos que os vínculos familiares sejam mantidos. E a permanência nos abrigos deve ser a menor possível, só mesmo enquanto a criança não puder ficar no ambiente familiar em função de sua própria segurança”, ressalta Rodrigo Salgueiro, coordenador do núcleo de direitos humanos da SMAS. Nos conselhos tutelares, a conduta é semelhante. “Os conselhos apuram a denúncia, realizando visitas domiciliares e intervindo quando necessário, o que é muito complicado. Em alguns casos, é preciso propor o tratamento do agressor e o afastamento da criança, que pode ter de ficar algumas noites em abrigos. Isso é perverso, porque ela é punida duas vezes”, avalia Luiz Bazilio, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A ONG Terra dos Homens desenvolve um projeto voltado exatamente para o combate a esta “dupla punição”. Como afastar de casa torna-se às vezes essencial para que a questão se resolva internamente, a ONG trabalha com as chamadas famílias acolhedoras, que recebem as vítimas de abusos pelo tempo necessário antes do retorno ao lar. “É bem melhor que um abrigo, porque é mais pessoal, não é um lugar institucionalizado e mantém um vínculo familiar para a criança”, explica Valéria. Como as famílias acolhedoras têm de ter a guarda provisória da criança, o projeto é desenvolvido junto com os juizados da infância.

Outro procedimento de extrema importância é o atendimento de saúde emergencial, em que podem ser realizadas a contracepção de emergência e a profilaxia das doenças sexualmente transmissíveis. Para que tenha sua eficácia assegurada, o atendimento deve ser realizado até 72 horas após o abuso com consumação do ato sexual. “Quanto mais gente souber disso,

maiores são as chances de a criança chegar às unidades de saúde dentro deste período”, ressalta Luciana Phebo, lembrando que nos casos de abuso crônico não há possibilidade de realização da profilaxia.

As maternidades municipais e os hospitais de emergência são as unidades de saúde capacitadas para realizar este tipo de atendimento. Assistente social da Prefeitura do Rio de Janeiro, Jeanne de Souza Lima explica que os profissionais destas unidades foram preparados pela Gerência de Programas da Mulher, da Criança e do Adolescente. As orientações seguiram as especificações da Nota Técnica de Prevenção da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes do Ministério da Saúde. “O profissional tem de ser responsável no atendimento e saber acolher a criança, para que ela se sinta fortalecida”, explica Jeanne.

A Secretária Municipal de Saúde adota ainda, desde 1996, a ficha de notificação de maus-tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes. Sua implantação foi uma das formas de atender à determinação do Estatuto da Criança e do Adolescente quanto à obrigatoriedade da denúncia de maus-tratos e abuso. A ficha é preenchida nas unidades de saúde e encaminhada à Secretaria e aos conselhos tutelares, com casos confirmados ou suspeitos. Em 2005, foram notificados à Secretaria 316 casos, incluindo abusos sexuais, negligência, maus-tratos físicos e psicológicos. Luciana Phebo ressalta que entre estes casos o número de abusos sexuais aparece em terceiro lugar, depois da negligência e dos maus-tratos físicos.

O assunto é muito mais grave do que os números fazem crer. Especialistas nesta área, como a psicóloga Valéria Brahim, dizem que, em função do silêncio, não se pode falar em estatísticas quando o assunto é abuso sexual de crianças e adolescentes. “O que temos são estimativas. No Brasil, estima-se que uma em cada quatro meninas e um em cada seis meninos sejam vítimas de episódios de abuso sexual até os 18 anos de idade”,



esclarece Valéria. A Abrapia contabilizou, entre 2000 e 2003, 1.547 denúncias. E a Organização Mundial de Saúde (OMS) lista o abuso sexual infantil entre os maiores problemas de saúde pública do mundo.

Vários são os órgãos públicos e entidades que no Brasil vêm trabalhando para combater esta triste realidade. Uma das principais reivindicações é a mudança no Código Penal, que ainda inclui o abuso sexual no conceito de “crimes contra os costumes”. Atualmente tramitam na Câmara dos Deputados em regime de urgência quatro projetos de lei que endurecem a punição para crimes sexuais contra crianças e adolescentes. Desde 2000, o dia 18 de maio é marcado por mobilizações em todo o país. A data foi instituída pela Lei Federal nº 9.970 como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. No Rio de Janeiro, foi marcada pela realização de um seminário para a elaboração do Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, uma iniciativa da Prefeitura em parceria com os conselhos tutelares, a Defensoria Pública e ONGs.

De fato, muito há a ser feito. Tentar derrubar o muro de silêncio e preconceito que cerca o problema é a providência mais urgente. Tudo o que se puder falar, divulgar e discutir sobre o abuso sexual infantil nunca será demais. Tudo o que puder mostrar à criança que ela é sujeito de direitos também não. A denúncia é o único caminho para a erradicação do problema e tanto a vítima quanto o abusador precisam ter acesso a tratamento. Não há uma receita para o reconhecimento dos casos de abuso, mas atenção e sensibilidade podem ajudar. Em caso de dúvidas, recorrer à assistência especializada é a melhor solução. ■

SAIBA MAIS

Centro Municipal de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes Leila Diniz – Rua São Salvador, 56, Laranjeiras.

Cemasi Padre Guilherme Decaminada – Rua Lopes Moura, 46, Santa Cruz.

Denúncias podem ser feitas pelo telefone: 2205-0247.

A imagem como recurso didático



As reportagens do programa *Br@nché!*, exibido pela MULTIRIO, são a base do projeto de ensino de francês da E.M. Dom Pedro I

ALBERTO JACOB FILHO

A escola é um espaço que tem como função propiciar aos alunos o ingresso em um novo mundo, com informações necessárias para constituir saberes. Uma boa estratégia é promover discussões em sala de aula para que os alunos desenvolvam a capacidade de reflexão sobre o que acontece no mundo. Este é o pensamento dos profissionais da Escola Municipal Dom Pedro I, na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade, envolvidos desde março com o projeto Restez Br@nché! (Fique Ligado!), que trabalha o aprendizado da língua francesa através da apresentação de documentários, reportagens da TV5 francesa e clipes musicais.

Responsável pela implementação do projeto na escola, a professora Ana Maria Lins dá mais detalhes sobre o desenvolvimento do projeto. "Senti a necessidade de trabalhar com novas metodologias de ensino que despertassem um maior interesse dos alunos no aprendizado do idioma. Com reportagens curtas, de dois a três minutos de duração, podemos explorar toda uma realidade multicultural. O aluno passa a ter contato com outro falante diferente do professor." Essas pequenas matérias selecionadas pelos professores muitas vezes falam de personalidades brasileiras, como o jogador Ronaldinho Gaúcho ou o comandante Marcos Pontes, primeiro astronauta brasileiro a desenvolver experimentos científicos na Estação Espacial Internacio-

nal, o que desperta o interesse dos cerca de 1.400 alunos contemplados pelo método.

O início do projeto – Em agosto de 2002, sob a coordenação da professora, Ana Maria Lucena, da Secretaria Municipal de Educação (SME) e do adido educacional do consulado francês no Rio de Janeiro, Alain Sarragosse, dois métodos de ensino começaram a ser aplicados em 10 escolas da rede municipal de ensino. Cinco delas utilizaram a metodologia Reflets, baseada na adaptação de uma novela francesa com atores brasileiros, e outras cinco optaram pelo Viv@x, que pautava a aprendizagem em telejornais franceses, difundindo um sistema de ensino originado da Universidade de Bordeaux. No fim daquele ano a avaliação realizada nas 10 escolas constatou que nas cinco que trabalharam com o Reflets o aprendizado do idioma foi muito bem-sucedido, enquanto nas outras cinco o desenvolvimento do espírito crítico dos alunos foi o ponto forte. Em 2003 os dois sistemas de ensino foram unificados e o número de aprendizes pulou de 350 para 1.400. As aulas deixaram de ser ministradas apenas em oficinas e ganharam espaço nas escolas.

Em 2004 a Universidade de Bordeaux deu por encerradas as atividades de difusão do sistema Viv@x e a professora Ana Maria Lucena, percebeu que com o engajamento de todos os que

estavam participando do projeto anterior seria possível criar um outro que fosse exclusivo e inovador. Foi daí que surgiu o *Br@nché*, que utiliza uma metodologia comprometida com a capacidade de reflexão dos alunos. A professora enfatiza esse último aspecto: “No momento em que o aluno entra em contato com outras culturas, outros mundos, ele se sente livre para pensar, viver e direcionar seu caminho. Está emancipado, pronto para refletir sobre o que está vivenciando.”

Como a maior dificuldade do aluno que se inicia no aprendizado da língua francesa é o signo verbal, a imagem se torna o principal recurso para transpor este obstáculo. Uma imagem polissêmica é rica em sentidos e permite ao aluno uma gama de leituras diferentes. Segundo Ana Maria Lucena, “a leitura de um texto imagético é tão importante quanto a de um texto verbal”. Além disso, o tema deve ser de interesse do aluno e lúdico ao mesmo tempo. Esses fatores reunidos formam a matéria ideal para ser trabalhada com o aluno.

Na aula ministrada pela professora Ana Maria Lins estavam presentes todas as características apontadas como os pontos fortes do novo método. No vídeo, estava sendo exibida uma reportagem da TV5 sobre um concerto musical de balé, mas sem som. Na sala de aula, 12 pares de olhos atentos tentavam, através das imagens, entender a mensagem que a matéria queria passar. A professora explicou que a ausência de som aguça a compreensão dos alunos. Em seguida perguntou o que eles haviam entendido das cenas reproduzidas na matéria. As respostas foram imediatas, em português, e Ana Maria aos poucos foi traduzindo para o francês o que os alunos falavam. O vídeo foi repetido várias vezes com som e foram realizados exercícios para fixar o vocabulário. A dedicação da turma foi visível e os resultados, notáveis. Além de discutir a língua francesa, os alunos também debateram o conteúdo da matéria, o que melhorou a capacidade de comunicação de cada um. “Ser professor não é somente transmitir um conteúdo, é estudar os processos de aprendizagem interagindo com os alunos”, observa. ■

Na telinha

O material utilizado em sala de aula é originário do programa televisivo *Br@nché!*, produzido desde fevereiro de 2004 a partir de uma parceria entre a MULTIRIO, a SME e o Consulado Francês no Rio de Janeiro. É veiculado aos sábados, pela TV Escola, às quartas-feiras pela TV Bandeirantes e às quintas e sextas-feiras pelo Canal 14 da Net. O programa é montado com duas reportagens de telejornal do canal francês TV 5, dois minidocumentários e um clipe musical. É apresentado por Kátia Chalita, em português, que dá o resumo do que vai ser mostrado posteriormente em francês. Não há legendas para que telespectador chegue ao sentido da mensagem através da compreensão imagética.

Na escola

A seguir, a relação dos professores que trabalham com a metodologia de ensino em suas escolas:

- Ana Maria Lins Rodrigues – Escola Municipal Dom Pedro I – 7ª CRE
- Elza de Lima – Escola Municipal João Neves da Fontoura – 5ª CRE
- Mirthis Moysés Izaac – Escola Municipal Alencastro Guimarães – 2ª CRE
- Nadiejda Florentino Cordeiro – Escola Municipal Pará – 5ª CRE
- Sueli Silva Pereira – Escola Municipal Francisco Cabrita – 2ª CRE
- Tânia Maria Balbi Lombardi – Escola Municipal Francisco Manuel – 2ª CRE
- Valdelis de Oliveira Lima – Escola Municipal Tenente-General Napion – 4ª CRE
- Maria das Graças Prado Chaves – Escola Municipal Minas Gerais – 2ª CRE
- Mônica Leite d’Azevedo Tavares – Ciep Operário Vicente Mariano – 4ª CRE
- Vilma Mota – Escola Municipal Barcelona – 5ª CRE

Um prato recheado de saúde

Todos os anos, o Instituto de Nutrição Annes Dias promove a Semana de Alimentação Escolar, para conscientizar professores, alunos e familiares sobre a importância de uma alimentação saudável. Realizado sempre na terceira semana do mês de maio, o trabalho pode e deve, no entanto, se estender ao longo de todo o ano letivo. É este o exemplo que vem da Escola Municipal Grandjean de Montigny, da 6ª CRE, na Pavuna, Zona Norte da cidade. Lá, os cuidados com a alimentação servem de mote para atividades dentro e fora da sala de aula, com a produção de trabalhos escritos, teatro, música, palestras e dinâmicas de integração durante o horário da merenda. Os resultados logo ficam evidentes. “No começo do ano, o que a gente mais ouve é: ‘Não quero isso, não quero aquilo’. Agora eles já chegam perguntando: ‘Falta muito para o almoço?’”, conta, animada, a diretora da escola, Vânia de Almeida Brívio.

Faz cinco anos que a alimentação virou tema recorrente na Grandjean de Montigny. O momento da merenda era uma tortura para alunos e professores. Os alunos não aceitavam frutas, verduras e legumes. E os professores não sabiam o que fazer para acabar com o enorme desperdício, já que a maioria das crianças deixava boa parte da refeição

no prato. A saída foi investir na conscientização. Em pouco tempo, todos os professores estavam empenhados em mostrar os benefícios de uma alimentação saudável. “Tudo o que a gente faz na escola, leva para este lado. Na Páscoa, mostramos que o coelho gosta de cenoura e por isso tem os dentes fortes. No Dia das Mães, falamos sobre a comidinha que a mamãe prepara”, exemplifica a coordenadora pedagógica da escola, Marlúcia Fonseca da Silva.

Para todos os gostos – As atividades envolvem toda a escola, desde a educação infantil, cujas primeiras turmas foram abertas este ano. Os alunos maiores fazem redações, pesquisas e produzem jornaizinhos sobre os hábitos alimentares ideais. Os mais novos desenharam e pintaram alimentos e até os representam. Mamão, melancia e abacaxi aparecem em músicas interpretadas pelos alunos da educação infantil. Cada criança defende com unhas e dentes seu “personagem”. “A melancia é muito boa mesmo. Antes eu não gostava, mas agora gosto muito”, declara



Comer verduras, legumes e frutas já faz parte da rotina dos alunos da E.M Grandjean de Montigny, na Pavuna



Vitória Emily, de cinco anos, ornamentada com o desenho da fruta sobre o uniforme escolar.

A chegada das turmas de educação infantil foi mais um incentivo para a continuidade do trabalho em torno da alimentação. Quanto menores as crianças, maior a dificuldade para aceitar alguns alimentos, como cenoura e beterraba. Mas, em pouco tempo, as mudanças aparecem. “Eu como a fruta daqui e a comida daqui. Gosto de abacaxi, de mamão e até de melancia. Gosto de comer um montão de fruta e alface”, conta Mateus Santos Vilanova, de seis anos.

Valorizar o momento da merenda para a formação de hábitos e atitudes saudáveis é outra preocupação na Grandjean de Montigny. Os professores insistem para que os alunos façam as refeições na escola, o que acaba funcionando também como uma forma de integração da comunidade escolar. “Muitos já comeram em casa quando chegam aqui. A gente conversa com as mães, pedindo a elas que os deixem comer aqui, porque isso faz parte do trabalho”, explica Marlúcia. Para conquistar o envolvimento dos alunos, Vânia instalou um quadro no refeitório, onde os professores marcam diariamente a presença das crianças. “A gente conta quantas crianças merendaram a cada dia. Eles querem participar daquele momento, vão logo levantando o dedo para dizer que estão presentes”, conta Vânia.

Alimentação e criatividade – Idéias para tornar os alimentos mais atrativos não faltam. No ano passado, professores ganharam ares de pais e responsáveis em *Sopa de pedrinha*, uma peça de teatro escrita especialmente para mostrar a importância da ingestão de legumes e verduras. Com os professores no palco, o divertimento das crianças foi garantido. Em outra atividade, que Vânia pretende repetir este ano, os próprios alunos ganham chapéus, aventais e bandejas para servir os amiguinhos, transformando o refeitório em um autêntico restaurante. “É uma diversão para eles. Qualquer coisa que vá influenciá-los, que possa despertar a atenção deles para os alimentos, é válida”, ressalta Vânia.

Oficinas sobre o preparo e o aproveitamento de alimentos foram as escolhidas deste ano para

Qualidade de vida em versos

A divulgação da Semana de Alimentação Escolar ganhou um reforço muito especial este ano. O núcleo de TV da MULTIRIO produziu uma chamada com o *Rap da alimentação saudável*, criado por alunos da Escola Municipal José Lins do Rego, no Cachambi. O *rap* é produto do trabalho realizado no ano passado em função da Semana de Alimentação Escolar. Uma turma da 3ª série fez uma visita a uma feira da região para conhecer o valor nutricional dos alimentos e preparar uma salada de frutas. A empolgação foi tão grande que os alunos voltaram para a escola e pediram à professora para criar o *rap*. “O projeto político-pedagógico da escola valoriza a cidadania. No ano passado, trabalhamos a alimentação porque percebemos que muitos dos alunos não comiam verduras e legumes na merenda”, explica a diretora da escola, Márcia Caetano.

Durante boa parte do primeiro semestre, a alimentação foi o tema de diversos trabalhos. E o *rap* continuou dando resultados o ano inteiro. Primeiro, quando a rádio comunitária do Cachambi tomou conhecimento da produção dos alunos e os convidou a gravá-la em CD. “Eles ensaiaram com o DJ e cantaram ao vivo num programa da rádio”, conta Márcia, orgulhosa. Depois, quando o *rap* virou tema da chamada da MULTIRIO para a Semana de Alimentação Escolar deste ano.

As gravações foram realizadas no refeitório da própria escola, com a participação dos alunos, agora na 4ª série. “Foi ótimo, todo mundo participou. Só foi um pouco demorado porque todo mundo tinha que cantar na hora certa”, explica Rodrigo Santos de Souza, um dos criadores do *rap*. A boa repercussão do trabalho complementa os objetivos da equipe da escola ao investir no tema da alimentação saudável. “Eles ficaram em euforia total com o CD e o filme da MULTIRIO. É ótimo, porque se sentem mais motivados a adquirir hábitos alimentares saudáveis, que é o nosso grande objetivo”, avalia Márcia.

integrar a Semana de Alimentação Escolar, quando pais e responsáveis são chamados a também participar das atividades propostas pela escola. Marlúcia ressalta a importância de que a conscientização chegue à casa dos alunos, já que a família é a grande responsável pela formação dos hábitos alimentares. “Quando conversamos com os pais, percebemos que é preciso trabalhar com eles. Não adianta só conscientizar as crianças. O ideal é que elas levem os bons hábitos para casa. Mas aqui temos a vantagem de ter a comunidade bastante envolvida com a escola”, comenta a coordenadora pedagógica. Falar sobre alimentação já se tornou tão natural que todos os professores propõem suas atividades sem que haja necessidade de se tocar no assunto. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Vozes feitas com dedicação

A Escola Municipal Almirante Newton Braga de Faria, em Irajá, Zona Norte da cidade, formou um coral que tem até página na internet. Foi uma reação em cadeia. Desde que a coordenadora pedagógica, Regina Bizarro, resolveu comemorar o aniversário da escola, há dois anos, não parou mais. As atividades foram surgindo uma a uma e envolvendo direção, coordenação, professores e alunos. O resultado foi a formação de um coral, que tem se apresentado em eventos fora da escola e também a criação de um *blog* (diário virtual) que divulga os recitais do grupo. Para quem gosta de boa música, as atividades do coral Fazendo Vozes podem ser conferidas ao vivo em apresentações ou na sua página na *web*.

O coral surgiu de forma improvisada. Segundo a coordenadora pedagógica, a primeira apresentação de cerca de 20 alunos foi feita para homenagear a banda da Marinha do Brasil, convidada para se apresentar nas comemorações dos 21 anos de fundação da escola. “Na época, em 2004, tive a idéia de convidar o 1º Distrito Naval para a festa, já que o patrono da escola é um almirante. O comando da corporação aceitou o convite e levou a banda para tocar naquele dia. Para homenagear os músicos, ensaiei rapidamente um grupo de alunos para cantar o *Hino Nacional* e a *Canção do Marinheiro*. Quando terminou a solenidade, o maestro sugeriu a formação de um coral. Foi aí que tudo começou”, conta Regina.

No início a professora ensaiava os alunos reproduzindo canções gravadas em CDs. Eles ouviam as músicas e depois cantavam. Os encontros eram sempre à hora do almoço ou depois das aulas. Eles se encantaram tanto com a atividade que deram força para que os ensaios continuassem. “Como começou a haver procura pelo coral, resolvi abrir inscrições para uma oficina no ano seguinte. Tivemos a ajuda de um representante da comunidade, João Evangelista Lucas, que passou a ser o regente do coral. Ele já tinha experiência com um grupo de igreja e na época estava no segundo ano de música na faculdade”, lembra Regina.

Interessada em aprimorar o seu projeto, Regina passou a conversar com gente qualificada na área musical. Depois de assistir a uma apresentação de um coral da rede de ensino de Juiz de Fora não teve dúvida de que estava no caminho certo. Conversou com o maestro que rege o grupo, Ciro Tabbet, e ele acabou sendo o responsável por várias melhorias no canto do Fazendo Vozes. Hoje, o coral já é uma realidade e integrado por estudantes de 10 a 14 anos.

Apresentações – O grupo tem se apresentado em vários espaços. Já foi convidado para as comemorações de aniversário do bairro e até cantou em asilos e em formaturas de colégios da região. No ano passado, participou da V Jornada de Educação, evento da 5ª CRE, realizado na Escola Tarsila do Amaral, e se apresentou no 1º Distrito Naval, em um evento em que estiveram presentes militares da Alemanha, Paraguai, Estados Unidos, Noruega e Argentina. No Corcovado, o grupo se sentiu gratificado com o carinho de turistas que paravam para ouvi-lo cantar. Aluna da 7ª série do nível fundamental, Eliene Almeida Barbosa, de 13 anos, não esquece esse dia. Para ela, foi uma novidade conhecer o cartão-postal do Rio e ainda pôr em prática tudo o que aprendeu nos ensaios do coral. “Lá é lindo. As pessoas prestavam atenção. Um japonês até quis tirar foto com a gente”, diverte-se a estudante.

Thalyta da Costa Carvalho, de 10 anos, começou a participar das atividades do coral este ano. Para ela, foi uma boa oportunidade de aprender a cantar e de fazer amizades. “Eu me divirto. Gosto muito das músicas de Roberto Carlos, principalmente de *Emoções*, apresentada no Dia das Mães”, afirma. O colega Michael Andrade Moraes, de 14 anos, já participava de outro coral, mas foi convidado para se integrar ao grupo no início do ano. “Gosto muito de música clássica e ópera. Toco teclado e vou aprender violão. Música para mim, é diversão”, comenta o rapaz.

Um dos momentos mais marcantes para o grupo foi uma apresentação na Lona Cultural João

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



O coral já se apresentou em eventos fora da escola e mantém um *blog* que divulga as atividades do grupo

Bosco, em Vista Alegre, Zona Norte da cidade. Como foi uma comemoração pelos 100 anos da Avenida Rio Branco, a professora escolheu músicas de época. Depois de muito ensaio, veio a recompensa: “Fomos muito aplaudidos”, garante a professora.

O repertório do grupo inclui músicas de Luiz Vieira, Pixinguinha e Agnaldo Timóteo, entre outros nomes da MPB. “Temos repertório diferenciado. Cantamos MPB e sempre incluímos a *Canção do Marinheiro*. Mas apresentamos também *Carinhoso* [de Pixinguinha] e *Ave Maria do morro* [de Herivelto Martins]. Gosto de valorizar composições dos anos 40 e 50”, explica Regina. Os ensaios duram cerca de duas horas e são realizados às terças e quintas-feiras.

Na internet – Depois de mostrar ao vivo o resultado do esforço e dedicação do trabalho com os alunos, surgiu a idéia da criação de um *blog* para registrar as atividades do grupo. A página na internet está ativa desde julho de 2005

e tem fotos e textos com descrições das apresentações e dos convidados dos eventos e mensagens para os participantes e admiradores do projeto. Além disso, há uma agenda com os próximos recitais e o registro dos que já foram realizados no ano passado. “Procuro informar todas as atividades de que participamos. Nem sempre os alunos podem ou sabem acessar, mas procuro incentivá-los a conhecer o coral e seu *blog*”, afirma a coordenadora pedagógica.

O *site* tem links de *blogs* ligados à música, literatura e educação. O serviço permite que outros educadores e interessados em música visitem a página e dêem sugestões. A própria Regina já trocou idéias com profissionais de Goiânia. Por isso, ela acredita que dos bate-papos informais podem surgir novas propostas pedagógicas que enriqueçam o trabalho da escola. Os interessados podem conhecer um pouco das atividades do grupo visitando o *blog* <http://spaces.msn.com/members/projetocoralfazendovozes/>. ■

Eternos espelhos de água

As lagoas de Jacarepaguá já acolheram várias espécies da fauna e flora da cidade

Jacaré-do-papo-amarelo. Cardumes das mais variadas espécies. No lugar de uma fauna e flora exuberantes, degradação e gigogas. O processo de urbanização crescente da Baixada de Jacarepaguá representou o principal vetor nas transformações no conjunto das lagoas da região, de onde se destaca a Lagoa de Jacarepaguá. O visual de cartão-postal que um dia a lagoa ostentou está dando lugar a uma paisagem onde predominam o abandono e a sujeira. Mas nem sempre foi assim.

No início do século passado o conjunto formado pelas lagoas de Jacarepaguá, Tijuca, Marapendi e do Camorim estava preservado. Situada nos limites dos bairros do Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e de Jacarepaguá, a região se assemelhava a um deserto por não conter vias de acesso. As poucas pessoas que freqüentavam o até então inabitado lugarejo eram jovens enamorados que planejavam seus encontros longe de olhares curiosos. Nas proximidades, animais raros, como suçuaranas, jaguatiricas e capivaras. O ecossistema vivia em plena harmonia.

Mas aos poucos esse quadro foi se modificando. Nos anos 1970, baseado em uma projeção de crescimento populacional de mais de 100% para o ano 2000, o governador do então Estado da Guanabara incentivou a ocupação da Baixada de Jacarepaguá com a criação de novas vias de acesso à área. A região experimentou um *boom* demográfico inusitado. Segundo dados do último censo do IBGE, em 1970 havia no local 241.017 moradores, correspondendo, na época, a 5,6% da população carioca. Já em 2000 o número de moradores saltou para 700 mil, correspondendo a 11,6% da população da cidade. O crescimento desordenado da região alterou drasticamente a paisagem tranqüila e contribuiu para poluir as águas das lagoas da Baixada.

A poluição da Lagoa de Jacarepaguá sintetiza tudo o que vem ocorrendo no conjunto lagunar da região. É a mais interiorizada de todas e é relativamente rasa, com uma profundidade média de 3,32 metros. Está situada numa planície próxima ao complexo urbano do Rio das Pedras, cujo esgoto misturado ao de outras comunidades e condomínios da região contribui ainda mais para a sua degradação. O biólogo e professor da Univercidade, Mario Moscatelli, aponta as algas tóxicas como o principal problema das lagoas da região. "Elas existem ali em número muito acima dos limites recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS)", aponta.

É certo que a área das lagoas de Jacarepaguá se reduziu bastante para dar lugar à malha urbana hoje existente na região. Muita matéria orgânica e resíduos são despejados em suas águas, provocando seu assoreamento e a proliferação de organismos como as gigogas, plantas aquáticas que sobrevivem em águas poluídas. De acordo com dados da Comlurb, são retiradas cerca de 40 toneladas ao dia de lixo flutuante no conjunto de lagoas de Jacarepaguá. Entre o volume de lixo despejado diariamente no espelho d'água estão, espantosamente, sofás e geladeiras.■

ALBERTO JACOB FILHO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Sonia Maria Corrêa Mograbi

DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO

Leni Corrêa Dadrino

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Maria de Fátima Gonçalves da Cunha

PROJETOS CULTURAIS

José Henrique de Freitas Azevedo

COORDENAÇÃO DO XVIII FECEM - 2006

Neila Pataro

I - INTRODUÇÃO

O Festival da Canção Escolar do Município do Rio de Janeiro – FECEM – é uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro encaminhada através do E/DGED/DEF – Projetos Culturais da Secretaria Municipal de Educação que se caracteriza como mostra e divulgação da produção musical dos alunos da Rede Pública Municipal.

O FECEM é um projeto que já comprovou seu êxito artístico e educativo e tem como foco principal de trabalho o incentivo à criação musical dos alunos.

O FECEM tem como objetivo incentivar a produção musical dos alunos das escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro, reconhecendo-as como espaço de incentivo à criação musical local, onde a expressão de idéias e sentimentos se manifesta, proporcionando uma vivência do fazer artístico articulada a uma formação de platéia que saiba prestigiar as produções apresentadas e avaliá-las com espírito crítico e sensibilidade.

Diante da renovação de 2005 e das propostas de continuidade desta dinâmica, com certeza o Festival da Canção já é referencial para a música brasileira, principalmente a carioca.

Este projeto deverá ser desenvolvido ao longo do ano letivo dentro da escola, como um processo que incentive a produção artístico-musical individual ou coletiva e integrado ao projeto pedagógico da escola.

A produção musical dos alunos será levada a público através do XVIII FECEM, a ser realizado em três (3) etapas:

- 1ª etapa** - organizada pelas Escolas ou Unidades de Extensão
- 2ª etapa** - organizada pelas E/CRE
- 3ª etapa** - organizada pelo E/DGED/DEF - Projetos Culturais

II - DA DIVULGAÇÃO

O E/DGED/DEF – Projetos Culturais levará às E/CRE e diretores o conhecimento deste projeto e regulamento; também será enviada uma carta aos professores de Música que os estimule a participar do projeto.

Caberá às E/CRE a divulgação do FECEM e de seu regulamento, criando estratégias que estimulem a participação das escolas.

Caberá ao E/DGED/DEF – Projetos Culturais promover a divulgação da 3ª etapa do festival, bem como enviar às E/CRE cartaz de divulgação destinado às UUEE, produzido com imagem selecionada através do Concurso de Imagens FECEM 2005, cujo vencedor foi o aluno Júlio Cezar dos Santos Guimarães da E.M. Presidente João Goulart, da E/2ª CRE.

III - DAS ETAPAS

1ª etapa – Consiste na criação das músicas pelos alunos nas UUEE e nas Unidades de Extensão. Haverá necessidade da organização de um festival interno nas escolas onde o número de composições ultrapassar a duas – número de composições permitidas por inscrição na 2ª etapa.

2ª etapa – Caberá à E/CRE, através de uma comissão coordenadora, fazer realizar um festival regional que terá como objetivo selecionar dentre as músicas



inscritas, uma que representará a E/CRE na etapa final do XVIII FECEM.

3ª etapa – Será coordenada pelo E/DGED/DEF – Projetos Culturais e consistirá na apresentação das dez músicas selecionadas nas E/CRE.

IV - DOS PRAZOS

Até 15 de agosto – realização da 1ª etapa do XVIII FECEM e envio da listagem das UUEE que irão participar da etapa regional ao E/DGED/DEF – Projetos Culturais (anexo 1).

Até 30 de setembro – realização dos festivais regionais.

Até 9 de outubro – envio da ficha de inscrição (anexo 2) e duas cópias da letra da música selecionada.

Obs.: As datas e/ou horário dos festivais regionais não poderão, em hipótese alguma, coincidir.

V - DOS CONCORRENTES

Somente concorrerão ao FECEM, músicas de autoria de alunos regularmente matriculados e que estejam frequentando escolas da Rede Pública Municipal.

VI - DAS INSCRIÇÕES

As músicas inscritas deverão ser inéditas, isto é, não terem passado por qualquer processo de divulgação anterior ao Festival.

VII - DOS COMPOSITORES

A composição poderá ser individual ou coletiva. É importante que o professor estimule e oriente os alunos, tanto na fase de criação, como no desenvolvimento, organização e apresentação das músicas.

VIII - DO JULGAMENTO

O júri na 2ª etapa deverá ser composto por, no máximo, cinco (5) jurados, sendo um nome representativo da música popular e/ou erudita da comunidade ou não, por um professor de Música, um professor de Língua Portuguesa, e, no mínimo, um representante do E/DGED/DEF – Projetos Culturais que estará presente nas regionais das E/CRE.

No julgamento da 2ª etapa o jurado deverá fazer anotações (anexo 3, fl.5) a cada composição apresentada, a fim de auxiliar na seleção da música, observando coerência, equilíbrio e adequação na utilização dos elementos de estrutura e forma da composição poética-musical nos pontos a seguir:

- Texto Poético
- Melodia
- Prosódia Musical
- Construção Harmônica
- Interpretação/Afinação
- Acompanhamento instrumental

Obs.: A pasta dos jurados é de responsabilidade da E/CRE e deverá ser organizada segundo modelo (anexo 3 - folhas 1 a 6).

IX - DO INTÉRPRETE

Somente os alunos poderão apresentar-se como intérpretes.

X - DO ACOMPANHAMENTO

- O acompanhamento só poderá ser feito por alunos e professores da Rede Pública Municipal, não sendo permitido mais de dois professores num mesmo conjunto.
- Não será permitido qualquer tipo de gravação que substitua a execução ao vivo.
- Na apresentação final, fica sob a responsabilidade do E/DGED/DEF – Projetos Culturais a constituição ou não de uma base instrumental comum para as canções selecionadas.

XI - DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA FINAL

- O número total de alunos no palco não poderá ultrapassar 15 (quinze)
- Em conjunto de vozes o número de alunos não poderá ultrapassar 10 (dez)

XII - DA PREMIAÇÃO

No festival regional, além da música que será selecionada para a apresentação final, a E/CRE poderá oferecer outras premiações como incentivo à participação dos alunos. Por exemplo: 2º lugar, 3º lugar, melhor letra, melhor intérprete, melhor comunicação com o público, revelação, etc.

Todas as músicas vencedoras dos festivais regionais, que irão se apresentar na 3ª etapa do XVIII FECEM, serão gravadas em estúdio para produção de um CD que será distribuído a todos os músicos, compositores e intérpretes. O /DGED/DEF – Projetos Culturais premiará na apresentação final: a melhor canção, a melhor letra, o (s) melhor (res) intérprete (s), instrumentista (s), revelação e comunicação com o público.

Os casos omissos serão resolvidos pelo Supervisor de Projetos Culturais.

Anjo disfarçado de homem

O centenário de Mário Quintana reaviva a obra do grande 'poeta das coisas simples'

Conhecido pela genial simplicidade de seus textos, Mario de Miranda Quintana é considerado um dos maiores poetas brasileiros do século XX, pertencente à segunda geração do Movimento Modernista. Despreocupado em relação à crítica, fazia poesia porque "sentia necessidade", segundo suas próprias palavras.

Filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e da dona-de-casa Virgínia de Miranda Quintana, o poeta e escritor nasceu no dia 30 de julho de 1906, em Alegrete, cidade do Rio Grande do Sul que faz fronteira com o Uruguai e a Argentina.

Até 1917 ficou na cidade natal, onde trabalhou na farmácia da família e completou os estudos primários. Dois anos mais tarde, aos 13 de idade, ingressou no Colégio Militar de Porto Alegre. Em regime de internato, começou a produzir os primeiros trabalhos literários, publicados na revista dos alunos da instituição.

Cinco anos depois, por problemas de saúde, Quintana deixou o colégio e ficou em Porto Alegre trabalhando na Livraria do Globo, à época uma das mais ativas do país. Sua atividade ali durou apenas três meses. Em 1925, regressou a Alegrete, onde voltou a trabalhar na farmácia do pai e a escrever poesias e contos.

Durante a Revolução de 1930, o jovem Quintana alistou-se como voluntário no Batalhão dos Caçadores, uma das tropas civis que foi a pé até o Rio de Janeiro para conduzir Getúlio Vargas ao poder. Na capital federal, morou por seis meses e depois voltou a Porto Alegre onde permaneceu até o fim da vida.

Recebeu seu primeiro prêmio literário com a publicação do conto "A sétima personagem", em concurso promovido pelo jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre. A partir de 1934, Quintana começou a traduzir clássicos literários franceses e ingleses para a Editora Globo. Autores como Voltaire, Virginia Woolf, Balzac, Maupassant

e Marcel Proust tiveram suas primeiras versões no Brasil pelas mãos do escritor. Algumas dessas traduções obtiveram tanto sucesso que continuam sendo reeditadas.

Em 1936, deixou a editora e começou a trabalhar na Livraria do Globo, com Érico Veríssimo, que anos mais tarde o definiria assim: "Descobri outro dia que o Quintana na verdade é um anjo disfarçado de homem. Às vezes, quando ele se descuida ao vestir o casaco, suas asas ficam de fora. (Ah! Como anjo, seu nome não é Mario e sim Malaquias)".

Nessa época, seus textos publicados na revista *Ibirapuitan*, de Alegrete, chegaram ao conhecimento de Monteiro Lobato, que pediu ao poeta que escrevesse um livro. Com o título *Espelho mágico*, o livro foi publicado 12 anos depois, pela Editora Globo. Em 1953, Quintana ingressou no *Correio do Povo*, onde trabalhou até 1967.

O primeiro livro só aconteceu em 1940, com a publicação de *A rua dos cataventos*, obra formada por 35 sonetos que obteve ótima repercussão e foi reproduzida em livros escolares. A partir daí, sua produção literária se intensificou e ele lançou *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948) e *O aprendiz de feiticeiro* (1950), este com elogios de poetas brasileiros como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Em 1975, escreveu *Pé de pilão*, grande sucesso da literatura infanto-juvenil.

Com um estilo discreto e introspectivo, Quintana não falava da vida pessoal. "Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão". Solteiro e sem filhos, o escritor passou grande parte da vida a morar em hotéis e pensões da capital gaúcha. Entre eles, o Hotel Majestic, tombado e transformado na Casa de Cultura Mario Quintana depois que morreu.

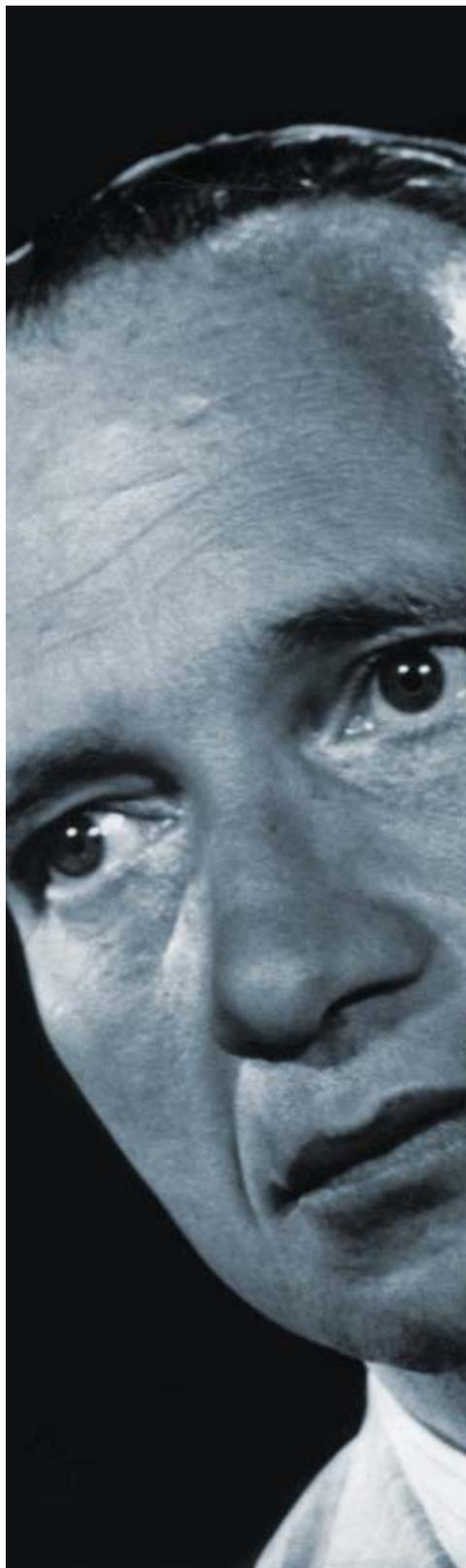
Em 1960, foi publicada a sua *Antologia poética*, organizada por Rubem Braga e Paulo Men-

TEXTO

JOANNA MIRANDA

FOTO

ACERVO MARIO QUINTANA/
CCMO



des Campos, com mais de 60 poemas inéditos. A obra obteve enorme sucesso e recebeu o prêmio de melhor livro do ano.

Apesar dos amigos que tinha na Academia Brasileira de Letras, como Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade, Quintana nunca conseguiu eleger-se imortal. Depois da derrota no terceiro escrutínio, não perdeu o bom humor característico de sua obra e compôs um pequeno poema: "Todos esses que aí estão/ atravancando meu caminho,/ eles passarão.../ eu passarinho!". Apesar de não ter entrado para a Academia, foi contemplado em 1980 com o Prêmio Machado de Assis e, em 1981, com o Jabuti de Personalidade Literária do Ano.

Quintana recebeu inúmeras homenagens em vida, mas morreu negando as reverências. "Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que acho que nunca escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação. Um poeta satisfeito não satisfaz", disse.

Trabalhou traduzindo obras para o português até morrer, perto de completar 87 anos, no dia 5 de maio de 1994. Sobre a morte, brincava: "A morte é a libertação total: a morte é quando a gente pode, afinal, estar deitado de sapatos".■

Algumas obras do poeta

A rua dos cataventos. Porto Alegre, Globo, 1940.

Canções. Porto Alegre, Globo, 1946

Sapato florido. Porto Alegre, Globo, 1948.

O batalhão das letras (infantil). Porto Alegre, Globo, 1948.

O aprendiz de feiticeiro. Porto Alegre, Fronteira, 1950.

Espelho mágico. Porto Alegre, Globo, 1951.

Poesias. Porto Alegre, Globo, 1962.

Antologia poética. [seleção de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos]. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

Caderno H. Porto Alegre, Globo, 1973.

Pé de pilão (infantil). Porto Alegre, Garatuja, 1975

Quintanares. Porto Alegre, MPM, 1976.

Nova antologia poética. Porto Alegre, Globo, 1985.

80 anos de poesia. (antologia). [organização e estudo introdutório de Tania Franco Carvalhal]. Porto Alegre, Globo, 1986.

Velório sem defunto. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

Sapato furado. (infantil). São Paulo, FTD, 1994.

Homenagem a Jorge Amado

A quarta edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) já tem data marcada: de 9 e 13 de agosto. Escritores, ilustradores e público mais uma vez vão se reunir para conhecer as novidades do mercado editorial e desfrutar uma programação intensa voltada ao mundo das letras. O homenageado deste ano é Jorge Amado, um dos mais adorados romancistas brasileiros.

Informações: www.flip.org.br

Sistemas de trocas

A exposição *As moedas contam a história*, no Museu Histórico Nacional, trata de temas que vão dos primeiros sistemas de troca utilizados pelo homem até a moeda unificada, o euro, criada para facilitar o comércio entre os países da União Européia. São quase 3 mil moedas que traçam o caminho evolutivo das relações econômicas, sociais, políticas e culturais da humanidade.

Museu Histórico Nacional
Praça Marechal Âncora, s/nº – Centro

Acordes na igreja

Começa em setembro a temporada 2006 da série de concertos *Música nas igrejas*. Em diversos pontos da cidade, pequenas orquestras, duos e trios apresentam uma programação de música clássica. A abertura será no Mosteiro de São Bento, no dia 8, às 19h30, com a Orquestra da UniRio. No programa, obras de Bach, Mozart e Haydn.

Mosteiro de São Bento
Rua Dom Gerardo, 68 – Praça Mauá
Informações: 2291-7122
Entrada franca

Quadrinhos espanhóis

Organizada pelo Instituto Cervantes, a mostra *Espanha democrática – 1975 a 2006* é voltada à cultura dos *comics*, do final do governo de Franco até o completo restabelecimento do sistema democrático naquele país. O foco está

Visões da floresta

Centenas de espécies da fauna e flora só encontradas na Mata Atlântica podem ser apreciadas na Floresta da Tijuca. Em mais de 3 mil hectares de área, há atrações como o Mirante Excelsior, o Lago das Fadas, Vista Chinesa, a Gruta Paulo e Virgínia e o Açude da Solidão. Reflorestada no



ALBERTO JACOB FILHO

século XIX, por iniciativa de Dom Pedro II, o trabalho tem números surpreendentes: por 13 anos, foram plantadas 11 mil mudas de diversas espécies. Cachoeiras, restaurantes instalados em antigas fazendas e sanitários garantem um dia inteiro de lazer.

Praça Afonso Viseu, Alto da Boa Vista
Informações: 2492-5407

na evolução dos quadrinhos espanhóis para adultos, sua criatividade, gêneros e as diferentes correntes presentes em desenhos originais de alguns dos mais importantes artistas espanhóis. Também fazem parte da exposição quadrinhos alternativos e trabalhos recentes de pequenas editoras.

Museu Nacional de Belas-Artes (MNBA)
Av. Rio Branco, 199 – Centro
De 12 de julho a 30 de agosto
Mais informações: <http://riodejaneiro.cervantes.es/>

Popularização da ciência

O Rio sediará a 34ª Conferência do Comitê Internacional de Museus de Ciência e Tecnologia (Cimuset), de 11 a 17 de setembro. O evento coincide com o Ano Nacional dos Museus, instituído pelo Ministério da Cultura. A organização é do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Reunindo especialistas de alguns dos mais importantes museus de C&T do mundo, como o La Villette e o Palais de la Decouverte, de Paris e o Science Museum, de Londres, a conferência chama atenção para

questões específicas sobre a divulgação e popularização da ciência e tecnologia. Entre os temas, está a reflexão sobre o uso de recursos interativos e/ou objetos de coleções em exposições para o público.

Museu de Astronomia e Ciência Afins
Rua General Bruce, 586 – São Cristóvão
www.mast.br
cimuset2006@mast.br

História no Forte

O Forte de Copacabana abriga hoje várias atrações – além da própria história da edificação, que data de 1914. No Museu Histórico do Exército, fatos marcantes estão registrados através de exposições, exibições de vídeo e maquetes. As antigas instalações dos soldados que ficavam lá a postos para defender a Baía de Guanabara também estão preservadas. Tudo com direito a uma vista panorâmica digna de cinema.

Praça Coronel Eugênio Franco, 01 – Copacabana
Informações: 2521-1032
De 3ª a 5ª, das 10h às 16h; 6ª, das 10h às 12h; sábados e domingos, das 9h às 13h.

Três dos quatro lançamentos editoriais do mês falam de contos e lendas. *O colecionador de pedras* resgata a universalidade das lendas passadas de geração a geração, também presente na coletânea *Ulomma – a casa da beleza e outros contos*. Já *22 contistas em campo* escala um time de primeira divisão para contar histórias de futebol. *Sexo não é bicho-papão!*, um livro de curiosidades sobre corpo e sexualidade, dirigido a crianças na primeira infância, completa a lista de inéditos desta Tudoteca.

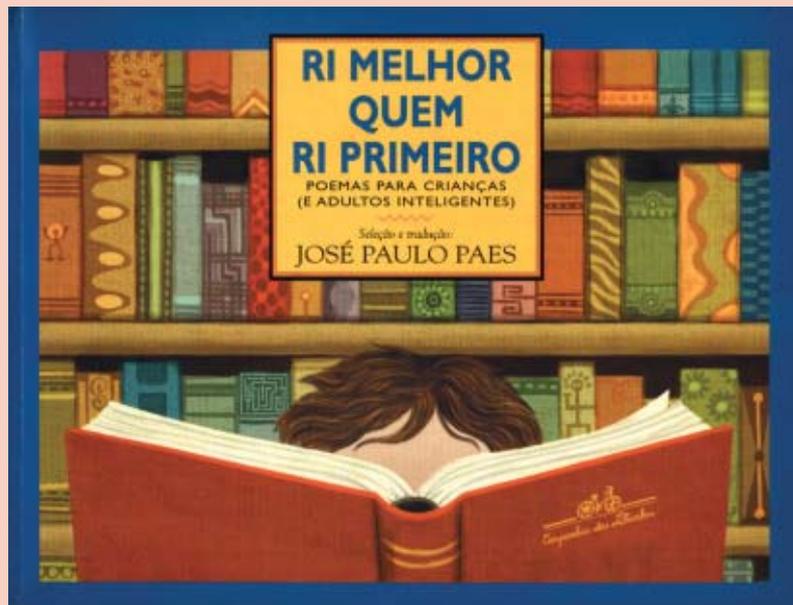
Livros

Ri melhor quem ri primeiro

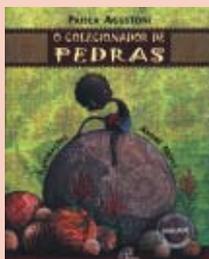
José Paulo Paes

Cia das Letrinhas, 1999

Uma antologia que reúne 31 poemas para crianças. São poesias originadas de várias línguas – português, inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, dinamarquês e grego. E também surgidas em épocas e lugares diferentes como na Grécia antiga, na França setecentista, ou na Suíça contemporânea. Todos eles testemunham a seriedade com que José Paulo Paes (1926-98) tratava a literatura infantil. Este foi um dos últimos empreendimentos do escritor, tradutor, crítico, leitor apaixonado e poeta, que se pôs a serviço das crianças.



O
coleccionador de pedras
Prisca
Agustoni
Edições
Paulinas,
2006



Esta é a história do encontro de dois jovens à procura de algo que lhes preencha a vida em busca de seu destino. *O colecionador de pedras* tem o sabor das lendas contadas de geração a geração, que expressam a crença no ser humano, nas relações interpessoais e nas razões de ser dos acontecimentos naturais.

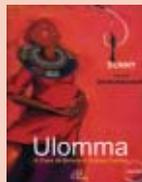
Ulomma – a casa da beleza e outros contos

Sunny, ilustrações de Denise

Nascimento

Edições Paulinas, 2006

Pequena coletânea de ricos contos africanos que antepassados usavam para ensinar lições importantes de maneira simples e divertida.



22 contistas em campo

Flávio Moreira da Costa

Ediouro, 2006

A obra reúne os melhores contos brasileiros sobre futebol, incluindo ainda um inglês (Patrick Kennedy) e dois uruguaios (Horacio Quiroga e Mario Benedetti). Rachel de Queiroz,

Plínio Marcos, Rubem Fonseca, Luís Vilela, Moacyr Scliar e Ignácio de Loyola Brandão são alguns dos brasileiros escalados.

Sexo não é bicho-papão!

Marcos Ribeiro

Zit Editora, 2006

Todo ilustrado pela artista gráfica Bia Salgueiro, o livro apresenta, numa linguagem clara, didática e afetiva, as principais curiosidades que crianças de cinco-seis anos de idade têm sobre o seu corpo e a sexualidade. Elaborado para ser interativo, as crianças podem escrever, pintar e dar suas opiniões. O livro vem com um CD de músicas feitas especialmente para a criançada e um guia para pais e professores.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Br@nché (Lingua Francesa) Memórias Cariocas* Gerúndio e Cacófato*	Nós da Escola Temas: Professor faz tudo, A cidade e a escola, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 Abrindo o Verbo Temas: Animação, Dança, entre outros.	É tempo de diversão Aventuras Cariocas
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Natureza e tecnologia Série que relaciona o mundo natural com as invenções humanas	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
	8h-8h30	Séries e documentários Expresso Brasil Aqui no meu país. Olho vivo	Cara de Criança Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão Escritores, testemunhas do seu tempo	Séries e documentários Mesa Brasileira Olho Vivo	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares
	8h30-9h	É tempo de diversão Escritores, testemunhas do seu tempo	Meu pequeno planeta. O divertido mundo dos bichos			Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	Meu pequeno planeta O divertido mundo dos bichos	Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas
	9h-9h30		Lucas e Lucinda Matilda	Abrindo o Verbo Temas: Animação, Dança, entre outros.	Nós da Escola Temas: Professor faz tudo, A cidade e a escola, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Lucas e Lucinda Matilda	Abrindo o Verbo Temas: Animação, Dança, entre outros.
	9h30-10h			Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural		Nós da Escola Temas: Professor faz tudo, A cidade e a escola, entre outros.
	10h-10h30	Cantos do Rio MPB	Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas	Cantos do Rio MPB	Expresso Brasil Série sobre cultura e turismo	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.
	11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato*	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato*	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Lingua Francesa) Gerúndio e Cacófato*	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h. Veja a programação completa em www.multirio.rj.gov.br	
	12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural	Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Abrindo o Verbo Temas: Animação, Dança, entre outros.	Nós da Escola Temas: Professor faz tudo, A cidade e a escola, entre outros.		
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

*Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de Português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio).
Programação sujeita a alterações.

PROGRAMA CASAS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL.

UMA OBRA ESSENCIAL, QUE NÃO USA UM PINGO DE CIMENTO.

Chance grátis para o cidadão mudar de vida em apenas 2 meses.

O Programa Casas de Capacitação Profissional oferece gratuitamente, a qualquer pessoa a partir de 16 anos, a oportunidade de aprender um ofício. São vários cursos profissionalizantes rápidos e úteis, que permitem à população sobreviver com a própria renda.

São muitos os cursos regulares oferecidos pelo projeto: doces e salgados, pães e biscoitos, bolos e tortas, manicure e pedicure,

cabeleireiro, reparo de eletrodomésticos, instalações elétricas domiciliares, corte e costura, embalagem e artesanato, entre outros.

As Casas também oferecem cursos especiais, como os de formação de babás, cuidadores de idosos e educadores para creches, gastronomia, barista, camareira, barman, mensageiro de hotel e garçom.

Além do material didático, os cursos oferecem total infraestrutura. Salas de aula reproduzem ambientes de trabalho, para que os alunos possam vivenciar na prática o dia-a-dia de um profissional de alto gabarito. São réplicas de cozinhas, salões de cabeleireiro e, no Centro de Cidadania Rinaldo de Lamare e na Casa Bráulio Pedroso, restaurantes, bares e quartos de hotéis cinco estrelas.



Aula de Corte e Costura na Casa de Capacitação de Ramos.



Aula de Cabeleireiro na Casa de Capacitação de Trajá.



Aula de Salgados e Doces na Casa de Capacitação do Rio Comprido.



Aula de Reparos Elétricos na Casa de Capacitação de Trajá.

OBRA DE AMPLIAÇÃO

Os cursos permitem a geração de renda imediata, seja pela absorção da mão-de-obra por empresas já estabelecidas, seja por meio do trabalho autônomo ou cooperativado. E ainda tem mais: as pessoas que, após concluírem um curso, tiverem um projeto para iniciar seu próprio negócio, são encaminhadas pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro ao Fundo Carioca, que oferece crédito, matéria-prima ou equipamentos de trabalho.

O crédito é pago com serviços prestados à comunidade.

Graças às Casas de Capacitação Profissional, de janeiro de 2002 a dezembro de 2005, 18.234 cidadãos já aprenderam muito mais que uma profissão. Aprenderam o ofício de ganhar dinheiro.

de oportunidades



A formatura da primeira turma de Gastronomia da Escola de Gastronomia e Hotelaria foi comemorada no Palácio da Cidade, com a preparação de um almoço pela chef Roberta Sudbrack, auxiliada pelos alunos.

QUALIDADE DE VIDA É A NOSSA OBRA

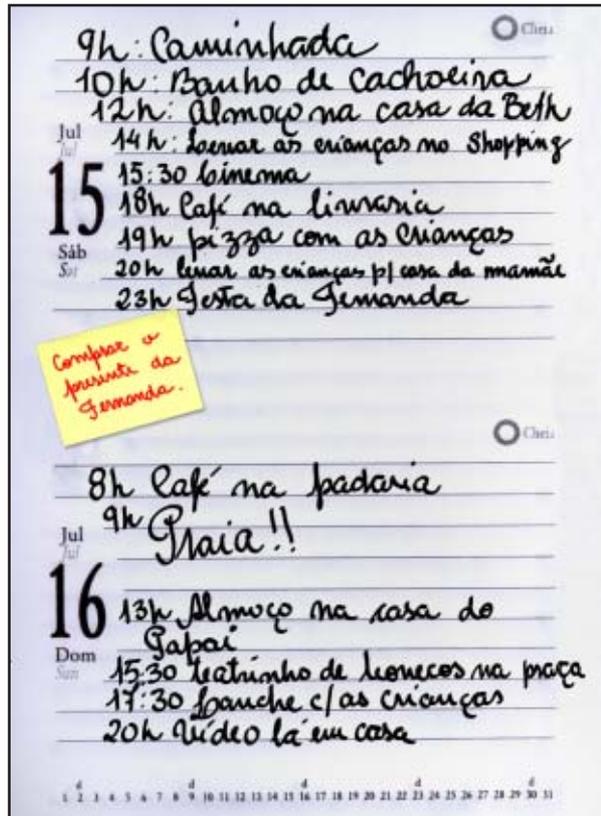
Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4528 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br

Obra Social



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Ludicidade e indústria do lazer

